



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E**  
**TERRAS TRADICINAIS**

**MILHO MASSA, KOSHMA E CAIÇUMA. UM PERCUSO ETNOGRÁFICO NO**  
**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MANXINERU: DO PASSADO AO**  
**PRESENTE**

**LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI**

**Brasília  
2017**

**LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI**

**MILHO MASSA, KOSHMA E CAIÇUMA. UM PERCUSO ETNOGRÁFICO NO  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MANXINERU: DO PASSADO AO  
PRESENTE**

Dissertação de mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais.  
Orientadora: Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília  
2017**

**LUCAS ARTUR BRASIL MANCHINERI**

**MILHO MASSA, KOSHMA E CAIÇUMA. UM PERCUSO ETNOGRÀFICO NO  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS MANXINERU: DO PASSADO AO  
PRESENTE**

Dissertação de mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais.

Aprovado por:

---

Professora Dra. Ana Suely Arruda Câmara Cabral (Presidente)  
Instituto de Letras, Universidade de Brasília

---

Professor Dr. Henyo Trindade Barreto Filho (Membro Interno)  
Departamento de Antropologia universidade de Brasília, Universidade de Brasília

---

Professor Dr. José Walter Nunes (Membro Externo)  
CELMA, Universidade de Brasília

---

Vera Olinda Sena de Paiva (Convidado(a) especial)  
Diretora de Promoção ao desenvolvimento Sustentável CGGAM-DPDS FUNAI.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M268m Manchineri, Lucas Artur Brasil  
Milho massa, koshma e caiçuma. Um percurso  
etnográfico no desenvolvimento sustentável dos  
Manxineru: do passado ao presente / Lucas Artur  
Brasil Manchineri; orientador Ana Suelly Arruda  
Câmara Cabral. -- Brasília, 2017.  
91 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em  
Desenvolvimento Sustentável: Sustentabilidade junto  
a Povos e Terras Indígenas) -- Universidade de  
Brasília, 2017.

1. Sustentabilidade tradicional. 2. Povo  
Manxinery. 3. Língua e Cultura. 4. Terra e  
Identidade. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara ,  
orient. II. Título.

Dedico as minhas filha Erica e Taina, que faz todo o meu esforço valer a pena. À minha esposa Mariana Manchineri, por todo o apoio, dedicação e carinho. A todos os meus irmãos, Lazaro, Leir, Ligia, Jose Carlo, Mila, Leudo, Gabriel, Fernanda e Vanisia. Aos meus amigos queridos, Manxineru, acada familia. Ao Jose Sebastião Manchineri e Valdimiro Manchineri. Ao meu grande amigo Fabio Couto. Ao meu pai Otavio Manchineri, à minha mãe Maria Artu Manchineri. Enfim, a todas as pessoas que eu amo. À minha família e ao povo Manxineru.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à Comissão Pro-índio do Acre - CPI-AC por ter-me motivado e dado todo o apoio durante minhas viagens a Brasília.

Agradeço especialmente:

Ao Ministério da Educação por apoiar os Programas Interculturais Indígenas;

À Universidade de Brasília, pela criação desse curso.

À Coordenadora do Curso de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, Mônica Nogueira, por estar conosco, em cada momento histórico diferente, nos auxiliando nesta importante caminhada.

Aos nossos professores do MESPT, que contribuíram para a conclusão dos estudos do qual sou beneficiário.

Aos nossos professores anciões e sábios das comunidades Manxineru, que contribuíram para que esta minha dissertação fosse desenvolvida e concluída.

À professora, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por ter-me ensinado e incentivando a pesquisar e estudar, durante a orientação da dissertação.

Aos professores Vera Olinda Sena, Maria Luiza Pinedo Ochoa, pelos fundamentais ensinamentos e dedicação ao longo dos anos.

Aos Professores Henyo Trindade e José Walter Nunes, pelas contribuições que deram ao meu trabalho final.

Ao meu colega e amigo Fábio Pereira Couto, pelo carinho com que sempre me hospedou em sua casa em Brasília.

“As línguas indígenas constituem um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil. Por outro lado, cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é outra manifestação de como se realiza a linguagem humana. [...] Cada nova estrutura linguística que se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana.” Rodrigues (2002, p. 5).



## RESUMO

Nesta dissertação apresento uma descrição do desenvolvimento sustentável tradicional do povo Manxineru, que é um povo de origem Aruák, cujo habitat situa-se no sudeste do Estado do Acre, na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia. Os dados que compõem esta dissertação vêm sendo coletados, organizados, analisados e sistematizados desde minha pesquisa realizada durante a minha formação no Ensino Médio, realizado na Comissão Pro-índio do Acre. A pesquisa continuou durante a minha graduação, na Universidade Federal do Acre, Campus de Cruzeiro do Sul, concluído em 2014, e foi aprofundada durante meus estudos no Mestrado em Sustentabilidade de Povos Tradicionais. Traço um panorama da sustentabilidade do meu povo, mostrando que ela já era vivenciada nas raízes da nossa história mais antiga, como parte indissociável de nossa organização social, do nosso modo de ver e viver nossa cultura, se perpetuando em uma perspectiva coletiva, através de um processo de transmissão em que o que vem pelas palavras é alimentado pela prática, em que prevalece o respeito pela natureza que nos dá a água e a vida. Mostro que os animais foram os grandes mestres do ensinamento de nossa cultura e que as fronteiras entre homem e animal muitas vezes se fundem. Finalmente, argumento que, na atualidade, preocupados com o futuro das novas gerações e com a continuidade da sobrevivência física e cultural, nós, os Manxineru, buscamos associar o nosso conhecimento milenar a novas estratégias de sustentabilidade para assegurarmos o nosso futuro.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade tradicional. Povo Manxineru. Língua e Cultura. Terra e Identidade

## HKAYAHOXIKOWAKA

Xiye nyonatanru pnete yakaklewatatshri hiwekalewatatshri wyehiko hwatshrikaka manxinerune hixanukakako, klutshinanu halikaka wuyakaxyawaka harawakwu, há hkanipretshijnekajyawaka hakri tshijne, pero há polihya. Pahixanune halukaluru piranakaka xye yonawahlomta hikakalurupa há rapatjepiranatka, ruhlepokotka, hetjetka hiyrunu ruhle potuktalexikowaka waleni netjepiranaxinitkalu papkoni nyimaka kanatkoklunutka payrine yimaklewleya, Comissão Pro-índio do Acre kamhalerukaka. Há pnute hyapiranaxywaka netjepiranaxywaklu kratowasawo nkamhakanaxinitka honiwesutaxi weterawo hakriya, kampo krosuyro to soya, nikatlu 2014 hwalapni, há hipnute pnutpotu netjexinitkalu nimatkalewaxyawaka meshtratoya pnute yakaklewatatshriya hepixlewatatshri hosha hwatshineya. Nuhlepokpiranatlu hyikhixyawakaplu pnute hyiywakapna nonerune, rekakhitanru wkamhajejekanatanru wutsrukatenni kamhajejekanatanru hyinuwaklekawaya runkakletpiranatanruna mitshikawa, psojikaka wkamahjekanatanru wipotshi ptohkakaya, wixannu psojite hiwekle mitshikawni, ralpokokanaxikowakpatka satu kamhapiratkaluru ptowrueneko ptohiya, há hkamhajejexikowakaka hakakhitanru wenejikolu há klunerukta wimwa há klunerukta tokantshi hinikatshri há mixkotko hkamhikowakaya halikakpotuko, há hmixkoxikowakapa ho hkahwakpiraxikowakapa hosha honha weneksatjerukaka hiyrunu hiwekluni. Rekakhitanru hosha hwatshine hejnunkaka tsru jimatkalerune rixyawakna há hyimaklewaxyawakna hixa wixannuyako há hejnune yoptoxyawaklu hejnune himatkalu ho yine há hejnune rupalaxyawaka wipoktshikakaya. Hmahlemutka, nixkoxiyaplu tshinanu klue, há xawakni , kojwawaktshikakapa xyepnuthohnepatka hinamtshineya maklujine poktshirkakaya reweklekayapna riwekleyna há rixannuynakaka, wixanuko, manxinerunwu wapanru, wapaxjxyaplu wixako wimat kale mitshikawalutu herotu shinikantshi kamhakalurupa wimwanruko wimiwekanrupa hakashixyawakaplu xye pnute wiwejinrupa.

**Tokantshi kayahotatshri:** Hepixlewatatshri wixannuko. Manxinerune. Winru há wixannu. tshiji há wekakhixjeru.

## ABSTRACT

In this dissertation I present a description of the traditional sustainable development of the Manxineru people, from Aruák origin, whose present day habitat is located at the southeast of the State of Acre, on the borders of Brazil, Peru and Bolivia. The data that compose this dissertation have been collected, organized, analyzed and systematized since my research conducted during my training in High School, held at the Pro-Indian Commission of Acre. The research continued during my graduation, at the Federal University of Acre, Campus of Cruzeiro do Sul, completed in 2014, and was deepened during my studies in the Master in Sustainability of Traditional People. I draw a panorama of the sustainability of my people, showing that it was already lived in the roots of our earliest history, as an inseparable part of our social organization, of our way of seeing and living our culture, perpetuating itself in a collective perspective, through a process of transmission in which what comes from words is nourished by practice. The Manxineru respect for nature prevails, since it gives us water and life. I show that animals were the great masters of the teaching of our culture and that the boundaries between man and animal are often fused. Finally, I argue that, currently, concerned with the future of the new generations and with the continuity of our physical and cultural survival, we, the Manxineru, seek to associate our millenary knowledge with new sustainability strategies to ensure our future.

**Keywords:** Tradicional sustainability. Manxineru people. Language and culture. Land and identity.

## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

<b>FIGURA 1 — MAPA DA TERRAS INDÍGENAS DO ACRE – ATUAÇÃO DA COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE – CPI-AC.....</b>	<b>28</b>
<b>FIGURA 2 — RITUAL DA PINTAÇÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>FIGURA 3 — O PAJÉ E A ONÇA.....</b>	<b>35</b>
<b>FIGURA 4 — FOTO DE MALU UCHOA .....</b>	<b>38</b>
<b>FIGURA 5 — MARACANÃ ENSINANDO AS MULHERES MANXINERU A FAZEREM CAIÇUMA.....</b>	<b>42</b>
<b>FIGURA 6 — A DESCOBERTA DO MILHO PELO PEIDO DA ONÇA.....</b>	<b>44</b>
<b>FIGURA 6.1 — YONPIXWALU .....</b>	<b>54</b>
<b>FIGURA 6.2 — HJIWEYOHLU YONHA – DESENHO DO REDEMOINHO DE ÁGUA .....</b>	<b>56</b>
<b>FIGURA 7 — YAWRIRI MEJI YONHA – DESENHO DA PENA DO MANGUARI.....</b>	<b>57</b>
<b>FIGURA 8 — MAPXIRU YONHA – DESENHO DO CORPO DA SUCURI.....</b>	<b>57</b>
<b>FIGURA 09 — SUKLUPI YONHA – DESENHO DO CORPO DA PICA DE JACA .....</b>	<b>58</b>
<b>FIGURA 10 — TSHKIPU-TA YONHA – DESENHO DO CASCO TARTARUGA DO GAPÓ.....</b>	<b>58</b>
<b>FIGURA 11 — TSHARAWA YONHA-JIWA – DESENHO DA CABEÇA DO PEIXE SURUBIM .....</b>	<b>59</b>
<b>FIGURA 12 — PAMLO MANE YONHA – DESENHO DO CORPO DA ARARA .....</b>	<b>59</b>
<b>FIGURA 13 — HYAMUTU MANE YONHA – DESENHO DO CORPO DO PEIXE PIAU .....</b>	<b>60</b>
<b>FIGURA 14 — KNOYATA YONHA – DESENHO DO CASCO DO JABOTI.....</b>	<b>60</b>
<b>FIGURA 15 — HANYO YONHA - DESENHO DA CARAPANÃ .....</b>	<b>61</b>
<b>FIGURA 16 — MHENOKLU-STE YONHA – DESENHO DA MÃO DA ONÇA.....</b>	<b>61</b>
<b>FIGURA 17 — MAPYOLO YONHA- DESENHO DO CORPO DA JIBOIA.....</b>	<b>62</b>
<b>FIGURA 18 — KAYONALO YONHA DESENHO DO CORPO DE PEIXE SURUBIM .....</b>	<b>63</b>
<b>FIGURA 19 — YOTLO YONHA- DESENHO DO DENTE DO SIRI.....</b>	<b>63</b>
<b>FIGURA 20 — PAKTSHA YONHA – DESENHO DO GAVIÃO .....</b>	<b>64</b>
<b>FIGURA 21 — TLOLO YONHA – DESENHO DO SAPO .....</b>	<b>64</b>
<b>FIGURA 22 — YONALU MANE YONHA - DESENHO DO CORPO DO GATO MARACAJA .....</b>	<b>65</b>
<b>FIGURA 23 — WSUNU YONHA – DESENHO DA COPA DA SUMAÚMA.....</b>	<b>65</b>
<b>FIGURA 24 — KAHWURU YONHA – DESENHO DE FLOR .....</b>	<b>66</b>
<b>FIGURA 25 — PRUJRO YONHA – DESENHO DO PEIXE MANDIM.....</b>	<b>66</b>
<b>FIGURA 26 — MAMALO YONHA- DESENHO DO CORPO DA ARRAIA GRAN.....</b>	<b>67</b>
<b>FIGURA 27 — SUPRUTA YONHA- DESENHO DO CASCO DE TRACAJÁ .....</b>	<b>67</b>
<b>FIGURA 28 — KATATO YONHA – DESENHO DA BORBOLETA .....</b>	<b>68</b>
<b>FIGURA 29 — DESENHO DO GAVIÃO DE ANTA .....</b>	<b>68</b>
<b>FIGURA 30 — MSEMSEWLO YONHA – DESENHO DE GAVIÃO DE ANTA .....</b>	<b>69</b>

**FIGURA 31 — A ONÇA DA O KOSHMA AO CUNHADO MANXINERU.....70**

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAFI's	–	Agentes Agroflorestais Indígenas
AISAN	–	Agente Indígena de Saneamento
CPI-AC	–	Comissão Pro-índio do Acre
FUNAI	–	Fundação Nacional do Índio
IBAMA	–	Intituto Brasileiro do Meio Ambiente
IMAC	–	Instituto de Meio ambiente do Acre
MESPT	–	Mestrado em sustentabilidade junto a povos e terra tradicionais
T.I./TI	–	Terra Indígena
SAF/SAFs	–	Sistemas Agroflorestais
UFAC	–	Universidade Federal do Acre

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>VII</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>IX</b>
<b>HKAYAHOXIKOWAKA</b> .....	<b>X</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>XI</b>
<b>LISTA DE FIGURAS E IMAGENS</b> .....	<b>XII</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>XIV</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>OBJETIVO PRINCIPAL</b> .....	<b>17</b>
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</b> .....	<b>17</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>19</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>20</b>
<b>NOTAS SOBRE AS REFERÊNCIAS</b> .....	<b>21</b>
<b>ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO</b> .....	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO I - SOBRE OS MANXINERU</b> .....	<b>27</b>
<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	<b>27</b>
1.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POVO MANXINERU .....	27
1.2 QUEM SÃO OS MANXINERU .....	28
1.3 Manxineru libertados das mãos dos seringalistas .....	33
1.4 Algumas considerações finais .....	34
<b>CAPÍTULO II – GOVERNANÇA E OUTRAS PRÁTICAS CULTURAIS ANCESTRAIS DO POVO MANXINERU</b> .....	<b>35</b>
<b>2. INTRODUZINDO</b> .....	<b>35</b>
2.1 GOVERNANÇA MANXINERU .....	35
2.2 A LINGUAGEM DOS MANXINERU NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO.....	38
2.3 O SONHO NA CULTURA MANXINERU.....	39
2.3.1 Conhecendo através do sonho .....	40
2.3.2 Transmissão de conhecimentos .....	41
2.3.2.1 A maracanã ensina as mulheres Manxineru a fazerem caiçuma .....	42
2.3.2.2 Surgimento do milho massa para o povo Manxineru.....	43
2.3.3 Natureza em movimento.....	46
2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	46
<b>CAPITULO III - DESENVOLVIMENTO TRADICIONAL MANXINERU ANTES DO CONTATO E DEPOIS DO CONTATO</b> .....	<b>48</b>
<b>3. NOTAS PRELIMINARES</b> .....	<b>48</b>
3.1. NOSSA TRADIÇÃO MILENAR .....	48
3.2 COLOCAÇÕES MANXINERU E CALENDÁRIO .....	51
3.3 O CALENDÁRIO AGRÍCOLA MANXINERU .....	51
52	
3.3.1 No mês de maio .....	52
3.3.2 Nos meses de junho e julho .....	52
3.3.3 Nos meses de agosto e setembro .....	53

3.3.4 Outubro e novembro.....	53
3.3.5 Dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril.....	53
3.4 FERRAMENTA DE TRABALHO TRADICIONAL DO POVO MANXINERU.....	53
3.5 O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO DAS MULHERES MANXINERU .....	55
3.6 ROÇADO TRADICIONAL MANXINERU .....	73
3.7 ROÇADO MANXINERU ATUAL.....	74
3.8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	75
<b>CAPÍTULO IV - DESENVOLVIMENTO MANXINERU JÁ NO CONTATO .....</b>	<b>77</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>77</b>
4.1 AO LONGO DO TEMPO.....	77
4.2 ATIVIDADES PRODUTIVAS .....	78
4.2.1 Caçadas Manxineru .....	78
4.2.2 Pescaria Manxineru .....	80
4.2.3 Necessidade de manejo dos peixes .....	81
4.3 MANXINERU NA ATUALIDADE.....	82
4.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	83
<b>CAPÍTULO V - SOBRE O PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL DA TI MAMOADATE .....</b>	<b>84</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>84</b>
5.1 PENSANDO UM PLANO DE GESTÃO .....	84
5.2 QUAL É A IMPORTÂNCIA DOS MAPAS TEMÁTICOS E DO PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE? .....	88
5.3 POR QUE QUEREMOS A NOSSA TERRA?.....	88
5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	90
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>92</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma etnografia do modelo de sustentabilidade alimentado ao longo de milênios pelo povo Manxineru. É meu propósito mostrar que, apesar das interferências externas contínuas e devastadoras, esse povo tem conseguido manter o seu essencial, a identidade linguística e cultural, alimentada por uma prática sustentável milenar de equilíbrio entre homem e natureza. Por outro lado, destaco que, apesar de mantermos forte a nossa cultura, um projeto de gestão territorial se fez necessário para enfrentarmos os prejuízos crescentes decorrentes dos desmatamentos e demais abusos sofridos pela natureza, resultantes da colonização do sudeste do Acre, onde vivemos. Assim, destaco um projeto de gestão territorial feito com a participação ativa do povo Manxineru, fundamentado em seu conhecimento tradicional e respeitando o modo como se organiza social e culturalmente.

O povo Manxineru, assim como inúmeros outros povos nativos do Brasil e de regiões adjacentes, tem sua própria forma de sustentabilidade. São detentores de técnicas que, tradicionalmente, alimentam a sua cultura, e refletem o modo como veem o mundo, como se organizam social e economicamente, como vivenciam os estágios da vida, e como confeccionam seus artefatos (no caso dos Manxineru, da panela ao tecido de suas vestes e seus adornos, inclusive a pintura corporal). Os Manxineru, como outros povos nativos da América do sul têm transmitido para as novas gerações sua sabedoria do viver em harmonia com a terra, a água, a mata e tudo que existe na natureza.

Neste estudo, abordo, assim, essas e outras questões, mostrando que a floresta é o *habitat* natural dos Manxineru, seu lar, sua morada. Em especial, discuto sobre como e porque os Manxineru têm os seres da natureza como vivos e convivem com os espíritos destes. E é a sua convivência com os espíritos dos seres vivos que é um dos pontos altos desse estudo, pois é esse convívio que permite a sustentação da economia, da sobrevivência física, psicológica e cultural do povo. Mostro, ainda, que, os ensinamentos que nos foram dados pelos seres espirituais, através de passagens ritualísticas sagradas como o *Kamalampi*, o *kanatshiro*, o *kahiwa* e o *ksopa* são o que nos garante o recebimento de novas árvores frutíferas, do artesanato, da cerâmica, da medicina, da língua, dos alimentos, das festas, como a cerimônia para a formação de pajés Manxineru, assim como das festas dos homens e das mulheres, o *Hapijihlu*, dentre outros.



Ressalto aqui a importância da relação dos Manxineru com sua segurança alimentar e cultura material, para as quais têm papel fundamental a caçuma, o artesanato e milho massa, desde os tempos antigos com reflexos na organização e estrutura social do povo Manxineru.

É natural que na convivência com outras culturas tenhamos sofrido algumas alterações culturais, com reflexos na nossa economia e na esfera espiritual. Mas nenhuma influência mudou o básico, o fundamental da identidade cultural e linguística dos Manxineru, pois o modelo de sustentabilidade desenvolvido durante milênios pelo povo Manxineru é o que os mantém em plena harmonia com o meio ambiente em que vive, tirando deste o sustento de maneira equilibrada, por entenderem a importância desse bem para seu viver e para o viver das futuras gerações.

Um fato relevante para o entendimento da nossa essência Manxineru é que sempre convivemos com os espíritos dos seres vivos da natureza. São estes que fortalecem a nossa própria autonomia autossustentável, a nossa economia tradicional, para o quê é fundamental a nossa leitura dos fenômenos da natureza. Sim, sabemos ler e entender os fenômenos da natureza. A criatividade do povo Manxineru é alimentada pelo conhecimento transmitido pelos animais com respeito aos jogos, brincadeiras, artesanato, dentre os quais o *koshma*, a *shetshi* (rede), o *hashhaji* (pote), o *kolpeto*, (prato de barro) e as suas armas. Tudo isso confeccionado pelas mulheres e homens que têm estimulado a utilidade destes produtos. Antigamente, o *koshma*, vestimenta que se assemelha à batina, feito de algodão da samaúma, era utilizado somente pelos homens; já o vestuário das mulheres consistia em uma saia e uma tanga, feitas de algodão plantado pelos próprios Manxineru.

Ao descrever aspectos fundamentais da história antiga dos Manxineru, de quando começaram a reconstruir tudo, depois da primeira catástrofe da natureza, destaco o papel do nosso Deus *Tslatu*, que foi quem nos repassou o conhecimento primordial, ao qual foram acrescentados outros conhecimentos transmitidos pelos animais. Transcorro sobre a importância dos animais aquáticos para o povo Manxineru em sua sustentabilidade, e a comunicação desse povo com os donos dos peixes, do poço e outros elementos da água; sobre o modo de ensinamento de cada animal para o pajé e a importância de cada um deles na cultura Manxineru, assim como a importância das árvores grandes e seus respectivos espíritos.

Mostro, assim, nesta dissertação, que o povo Manxineru se desenvolve bem, com independência própria na manutenção de sua cultura tradicional em constante processo de transformação, como é próprio de todas as culturas humanas. Pontuo que, na cultura Manxineru,

são alimentados argumentos e atitudes tipicamente da prática dos ancestrais, em que diversas correntes de sabedoria os unem à natureza, em contraste com o que ocorre em outras culturas.

Memória e identidade são aqui tratadas como indissociáveis movidas pela força do espírito da natureza, fonte da criatividade dos Manxineru que lhes permite desenvolver novos conhecimentos. Destaco também a importância dos sonhos na nossa cultura, pois são onde ocorrem os encontros dos Manxineru com os animais poderosos, os seus principais ajudantes. Finalmente, descrevo aspectos do nosso Plano de Gestão atual (O Plano de Gestão Territorial e Ambiental e o Etnomapeamento da TI Mamoodate, 2016), desenvolvido pelas comunidades Manxineru e Jamináwa, com vistas a garantir a terra e o que ela oferece como alimento para o futuro de nosso povo.

### **Objetivo principal**

O objetivo principal desta dissertação é o de contribuir para o conhecimento dos modos Manxineru de se organizar para fortalecer a sustentabilidade que garanta sua continuidade. Para tanto, mostramos neste estudo, que o desenvolvimento sustentável Manxineru se distingue de uma visão capitalista, por exemplo, principalmente no que tange à distribuição dos produtos do seu trabalho cooperativo e comunitário, que é socializado pelo e para o coletivo Manxineru como um todo.

Com esse objetivo alcançado, este estudo vem suprir uma lacuna no conhecimento sobre o povo Manxineru, pois aborda as relações dos Manxineru com a natureza, mostrando que essas relações são indissociáveis do modo como se organizam culturalmente e economicamente, em que prevalece o respeito à integridade do meio ambiente em que vivem.

### **Objetivos específicos:**

- I) Descrever aspectos da cultura Manxineru que ilustram sua espiritualidade e que apontam para os princípios básicos que orientam sua sobrevivência, sustentabilidade, continuidade e transmissão de conhecimentos;
- II) Mostrar como os sábios Manxineru ensinam o conhecimento tradicional;
- III) Mostrar as relações entre homens e animais como elo no fortalecimento da cultura dos Manxineru, de sua língua e de seu um modo geral e sustentabilidade.
- IV) Destacar os termos culturais que refletem a cultura Manxineru

- V) Mostrar a importância de um Plano de Gestão calcado em uma cultura indígena com participação plena dos principais interessados, em todo o processo de sua elaboração e desenvolvimento.
- VI) Reunir conteúdos sobre sustentabilidade do povo Manxineru que alimentem a produção de materiais didáticos a serem usados nas escolas das aldeias.

A presente dissertação considerou estudos sobre sustentabilidade e povos tradicionais, os quais serviram de base para reforçar a ideia de que a auto sustentabilidade tradicional do povo Manxineru reflete as fortes relações entre homem e natureza. Consideramos os trabalhos de autoria de Cunha (2007), Gallois (2005) e Nascimento (2012), Jacinto e Maciel (2014), Correia, Costa e Vivian (2005), assim como o estudo Etnozoneamento TI Mamoadate (2006). O estudo referenciou-se, ainda, nos projetos de sustentabilidade promovidos pela Comissão Pró-Índio do Acre, os quais marcaram minha trajetória, por eu ter sido parte deles, na qualidade de um dos proponentes e gestores, e, a partir dessa experiência, ter-me desenvolvido politicamente e academicamente.

Alguns dos estudos que foram inicialmente referência para esta dissertação me levaram a uma reflexão sobre a minha conduta acadêmica. Eu deveria ser diferente no meu estudo, refletindo o nosso modo próprio de construir e difundir conhecimento. Deveria procurar descrever a realidade como ela é do ponto de vista Manxineru. Na minha experiência, quando um pesquisador vai a uma comunidade desenvolver pesquisas, muitas das vezes ele escreve apenas sua impressão. Ser tomamos como exemplo o que ocorre quando um pesquisador realiza estudos entre os Manxineru, pode não obter a confiança destes e ao lhes perguntar sobre algo, os Manxineru podem fornecer explicações incompletas ou inadequadas, mesmo por problemas de comunicação ou por inabilidade do pesquisador na formulação de perguntas. Mas o pesquisador, a partir de dados dessa natureza, escreve e apresenta os resultados de seus estudos, muitas vezes incorreto.

Ao ler, com cautela, trabalhos de alguns autores, surgiram, dessa forma, questionamentos sobre como eu deveria falar sobre o conhecimento do meu povo, para que o retratasse com fidedignidade. Procurei então dissertar sobre aspectos do conhecimento do meu povo com uma visão de dentro da cultura e não pondo-me totalmente fora dela. Procurei, então, exercer ao mesmo tempo o papel de um pesquisador de minha cultura, mas assumindo a minha identidade Manxineru, em um diálogo com o outro, sendo eu um pesquisador parte inerente do objeto de estudo.

Meu desafio foi, então, o de descrever, nesta dissertação, aspectos fundamentais da cultura Manxineru, mostrando que a minha pesquisa e o meu trabalho de mestrado, como um todo, evidencia o conhecimento Manxineru como expressão de nossa coletividade, de forma que os Manxineru são co-autores do trabalho, não apenas o Lucas, mas este como membro da coletividade Manxineru, falando de um conhecimento compartilhado bonito e valioso.

E este estudo foi, de fato, resultado de um trabalho inspirado no coletivo, com pleno apoio dos demais Manxineru, tanto na organização do conteúdo, quanto na proteção espiritual para que o trabalho fosse fiel à nossa realidade.

### **Justificativa**

O presente estudo foi resultante da constatação de que havia a necessidade de uma descrição do modo como os Manxineru veem desenvolvendo tradicionalmente sua sustentabilidade, mas sob uma ótica diferente, ou seja, da ótica de um Manxineru próprio, formado como pessoa em sua cultura, falante pleno de sua língua nativa, capaz, portanto de entendê-la e traduzi-la para o Português, sua primeira língua estrangeira. Embora esta dissertação seja apresentada na primeira pessoa, reflete um conhecimento socializado e disponibilizado pelos nossos sábios através de gerações.

A realização desta dissertação foi também pensada como forma de alimentar a discussão de conteúdos e de projetos de elaboração de matérias didáticos para as escolas Manxineru, sobre a transmissão de conhecimentos em nossa cultura, suas fontes e como esse conhecimento é socializado para manter a unidade identitária Manxineru forte nas gerações seguintes. E esse conhecimento é primordialmente um conhecimento sobre a natureza como fonte de alimento e de cultura, é um conhecimento que permite a nossa sustentabilidade em permanente interação com a natureza.

O Mestrado do MESPT abriu os caminhos para que eu chegasse a aprofundar minha pesquisa e construísse esta dissertação que eu considero uma contribuição para a documentação de aspectos fundamentais de minha cultura.

## **Metodologia**

A pesquisa que resultou nesta dissertação desenvolveu-se segundo uma metodologia em que o pesquisador recebeu conhecimentos dos sábios da comunidade, líderes e pajé, assim como de pessoas mais velhas conhecedoras da tradição cultural do seu povo. Foram realizadas perguntas, em ocasiões propícias, sobre o passado Manxineru, quando os Yine viviam em uma grande comunidade. Pesquisamos assim, por meio de muitas rodas de conversas, sobre os conhecimentos relativos aos artefatos, ao plantio, às vestes, as músicas, às danças, aos rituais de passagem e à formação da pessoa Manxineru e, principalmente, sobre seus valores éticos e os seus modos de ensinar.

Elegi alguns desses tópicos relacionados à sustentabilidade Manxineru, em que são de fundamental importância a caiçuma, o Koshma e o milho. Segundo nossa própria história, contribuimos para o desenvolvimento do milho massa, cuja semente ainda é uma das que apresenta forte vitalidade na cultura.

As atividades relacionadas à pesquisa sobre a caiçuma, koshma e milho massa foram realizadas nas aldeias Extrema, Lago Novo e Cumaru, separadamente. As atividades realizadas nessas aldeias contaram com a presença de lideranças, alunos, agentes agroflorestais, professores, agentes de saúde, agentes sanitários indígenas, além de outros representantes do povo Manxineru. Primeiramente, a pesquisa era apresentada e as diversas atividades programadas.

Esta pesquisa foi enriquecida pelos resultados de pesquisas anteriores, 2005 e 2014, enriquecidos em 2016. A pesquisa de 2014, foi organizada em três seções: 1) elaboração do roteiro e proposta de trabalho de pesquisa; 2) levantamento, organização de informações e transcrição das entrevistas iniciais realizadas junto aos mais velhos sobre a caiçuma, o koshma e o milho massa; 3) produção de entrevista temática preliminar e informações gerais sobre a caiçuma, o koshma e o milho massa e seus respectivos valores na cultura Manxineru.

Na primeira etapa, etapa 1), foram realizadas reuniões com representantes das comunidades e anciões das aldeias Extrema, Lago Novo e Cumaru, com o objetivo de melhor definir o plano de trabalho e de se ter um maior entendimento sobre os propósitos da pesquisa. Essas reuniões visavam também incentivar a articulação política e valorização da cultura Manxineru, a partir do registro da história do milho massa e da escrita desse conhecimento do nosso povo. Na reunião específica, voltada para a elaboração da metodologia de pesquisa do trabalho de campo, os Manxineru observaram a necessidade de incorporar ao trabalho

desenvolvido nas escolas os conhecimentos dos anciões, dos pajés e de outros atores importantes da nossa sociedade sobre o milho massa e sua importância na nossa cultura.

Ao longo das discussões sobre a pesquisa de campo, foi considerado que as palavras relacionadas ao milho massa, que seguem vivas no conhecimento dos anciões, devem ter seu uso estimulado no cotidiano dos Manxineru, como forma de ressaltar e manter a identidade cultural do nosso povo. Para isso, foi decididas que essas palavras seriam registradas arquivadas e que deveriam ser temas de materiais didáticos a serem utilizados nas escolas das aldeias no âmbito do ensino da língua e cultura maternas. Todo esse processo deveria também ser realizado junto com os membros das comunidades Manxineru.

Depois de estabelecido um plano de trabalho de pesquisa de campo, demos início à segunda etapa, centrada na produção, organização de informações e transcrição de dados fornecidos pelos mais velhos sobre o milho massa. Ao mesmo tempo era feita a consulta de documentos e de fontes bibliográficas sobre os Manxineru para contrastar e complementar informações.

Nesta etapa do trabalho de pesquisa foram obtidas diversas informações dos anciões sobre termos de parentesco utilizados pelos pajés para referirem-se ao seu aliado de pajelança. Junto com os professores Manxineru foram realizadas algumas atividades em grupo sobre temas específicos de linguagem e arte para fazer alguns ajustes na pesquisa e adequar melhor o plano de trabalho de campo a ser realizado. Durante toda a pesquisa, foram realizadas reuniões, pesquisas de campo. A participação dos líderes das comunidades, jovens, adultos e anciões de diversas aldeias foi enfatizada também no decorrer de todo o processo.

Todos os dados coletados foram gravados em sistema digital e outros anotados a mão. Foram adicionadas informações do conhecimento próprio relativas à minha própria formação Manxineru.

Assim, a metodologia empregada, compreendeu uma pesquisa coletiva realizada em 2014 e uma pesquisa por meio de rodas de conversa e diálogos com anciões realizados junto às lideranças, e pajé. Nesta última etapa (2016), o pesquisador consultou esses sábios, em conjunto com professores e lideranças Manxineru.

### **Notas sobre as referências**

Na elaboração desta dissertação, consideramos alguns estudos que tratam sobre sustentabilidade, sobre os quais, em seguida faço algumas considerações.

Escolhi Cunha (2017) como uma das referências para a minha dissertação porque este autor tece reflexões sobre relações entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos científicos. Defende que os conhecimentos científicos e os tradicionais são muito diferentes, mas essa diferença não está no resultado gerado por esses conhecimentos. Segundo a autora, o conhecimento tradicional reflete percepções ou experiências, enquanto que para o conhecimento científico, os conceitos são muito importantes.

Cunha discute o que na sociedade contemporânea vem a ser “conhecimento” ou “saber”. e em que campo se enquadram? Quais são suas subespécies, seus ramos, suas especialidades e como se produz, mas também a quem é atribuído, qual a validade, como circula, como se transmite e que direitos ou deveres gera. Defende que todas essas dimensões separam já de saída o conhecimento tradicional do conhecimento científico.

Essa discussão foi para minha dissertação de muito valor, pois é comum negarem o estatuto do valor do conhecimento tradicional de povos indígenas enquanto ciência, mas sem procurar aferir-lhe o devido lugar.

Para a autora, a valorização dos recursos genéticos e conhecimentos tradicionais é uma oportunidade-chave dentro do programa científico, quando a ciência triunfante ao tratar do nosso conhecimento, o recolhe e eventualmente o valida, no mundo do conhecimento científico, o conhecimento tradicional.

Outra referência importante, foi Gallois (2005), que apresenta uma discussão sobre cultura indígena e sustentabilidade, principalmente no que diz respeito à ‘importância de textos legais e dos instrumentos normativos nacionais e internacionais, que visam proteger os conhecimentos indígenas.

A autora chama a atenção para a morte dos velhos em sociedades tradicionais e os subsequentes riscos de se perderem as fontes de referência cultural. Ressalta os impactos, nas culturas, das perdas de referências e a multiplicação de tentativas de “resgate cultural”, por meio da produção de discos, documentários, livros e outros, destinados ao público externo, cuja venda é revertida às comunidades. Para a autora essas práticas não repercutem internamente na valorização das manifestações culturais, especialmente quando produzidas sem a participação direta dos índios e a maior parte dos projetos governamentais “continuam se destinando a coletivos amplos e genéricos, do tipo “a etnia” ou “a comunidade X e Y”, dificultando sua apropriação pelos índios, por não considerar as instâncias efetivas de tomada de decisão, que são mais complexas e delicadas.. ” (p. 33).

Gallois faz uma importante observação sobre os desafios vividos pelos indígenas em busca de garantias para a sua participação ativa em programas de valorização cultural e a necessidade sentida por eles de capacitação. Gallois (p. 34) diz a respeito:

O desafio que essas comunidades estão enfrentando é como garantir sua participação ativa nos programas de valorização cultural, no controle das iniciativas de difusão externa. Para isso, precisam e desejam receber “capacitação” e é nesse contexto que surgem, nas aldeias, os novos “especialistas”: professores indígenas bilingües, agentes de saúde, agentes agroflorestais indígenas, novas lideranças, representantes de organizações indígenas, etc. Sua intensa participação na cena política, entretanto, não significa que estejam em condições de assumir todos os processos de valorização de conhecimentos “em casa”, nem que possam se responsabilizar de forma autônoma pela produção, registro e difusão de elementos de seus patrimônios culturais e de suas experiências históricas de convívio com seus diferenciados entornos.

A preocupação com a documentação do conhecimento dos mais velhos, tem sido uma constante em meus estudos, assim como nos estudos de outros professores e lideranças Manxineru. É também nossa preocupação documentar maximamente aspectos da cultura Manxineru como povo diferenciado, que mesmo sendo indígena, trata-se de um povo diferenciado.

Um outro estudo de natureza mais geral no trato da sustentabilidade, que consideramos foi *Trajectoria da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico* de autoria de Nascimento (2012), em que o autor aborda, de forma crítica, as dimensões do desenvolvimento sustentável - econômica, ambiental e social. Ressaltamos aqui o que diz sobre a dimensão ambiental. Fala de sustentabilidade focalizando “as origens e o contexto do surgimento da ideia de desenvolvimento sustentável como resultado do confronto entre os países desenvolvidos e os restantes, e entre ambientalistas e desenvolvimentistas.” Discorre sobre a crise ambiental de um modo geral e mostra as mudanças que estão a ocorrer no que diz respeito ao significado da expressão.

Outra referência nesta dissertação foi Correia, Costa e Vivan (2006), por trazerem referência direta aos Manxineru, no que diz respeito ao extrativismo. Segundo os autores,

O Extrativismo é outra atividade de extrema importância para os Manxineru e Jaminawa. Praticada deste o tempo dos antigos, esta atividade sempre foi caracterizada por uma grande diversidade de produtos retirados da floresta. Entretanto, com o contato dos Manxineru e Jaminawa com caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros, as atividades extrativas sofreram mudanças. (p.58)



Jacinto e Maciel (2014, p. 59), reiteram as mudanças ocorridas no extrativismo praticado pelos Manxineru, no seguinte trecho do Etnozoneamento e Plano de Gestão Ambiental e Territorial Terra Indígena Mamoadate:

Durante décadas os Manxineru produziram borracha nos seringais da região. Quando se deslocaram para a TI, essa atividade já não era muito lucrativa, tendo sido abandonada paulatinamente. Além do mais, no interior da TI existiam poucas estradas de seringa, todas no pequeno seringal Senegal, o que não contribuía para a extração em grande quantidade do leite da seringa (CORREIA & COSTA & VIVAN, 2006, p. 52).” (p.59)

O Etnomapeamento da TI Mamoadate (2016), que foi referência para a presente dissertação, põe em relevo o respeito e o cuidado que os Manxineru, como mostra o seguinte trecho:

Nós, Manxineru, cuidamos de todas as frutíferas naturais, e nós comemos patoá, pama, inharé, açai, jenipapo, gacaça, cacau, jarina, ouricuri, bacuri, jenipapinho, pupunha, ingá de macaco, ingá de periquito, ingá de capelão, cajá, jatobá, cajarana, biribá bravo, mão de onça e outras. Também tem as madeiras de lei, para construção de casa, aguano, jitó, cumaru, cedro, cumaru de cheiro, amararelão, intaúba, maçaranduba, bálsamo, cumaru-ferro, cetim, intaúbarana, sucupira, copaíba. Para construir canoa, usamos jacareúba, cerejeira, guariúba, assacú. Para fazer fogo usamos maxixeiro e mulateiro. Também tem as árvores que usamos para curar. E tem as ervas medicinais de pingar nos olhos para tirar a panema e para curar crianças. Tem ervas para os homens conquistarem as mulheres e tem aquelas que são para as mulheres conquistarem os homens. Utilizamos bastante algumas plantas que são para os poderes espirituais: kamalampi, kanatshiro, mariri e kahiwa. Utilizamos muitas palmeiras para a construção das nossas casas: ouricuri, jarina, paxiúba e outras. Bebemos vinho de patoá, açai, cagaça, buriti. Para fazer cesto e paneiro, usamos o timbó, que está ficando raro, porque já tiramos muito. Tiramos o óleo da copaíba para usar de remédio. O sanangousamos para fazer chá e beber para tirar panema. Tambemtomamosassacu para fazer limpeza. (Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate, 2016, p. 35).

Esse outro trecho do mesmo estudo mostra a organização dos Manxineru para o desenvolvimento de seu Plano de Gestão Ambiental para o qual se associam aos Manxineru, por meio do qual reorganizam aspectos de sua sustentabilidade tradicional como forma de superar as ameaças oriundas da sua história de contato mais recente:

Com as orientações dos agentes agroflorestais (AAFI), devemos implementar e enriquecer os sistemas agroflorestais (SAFs) que se encontram próximos das aldeias. Todas as aldeias devem ter um SAF bem diversificado.

Buscaremos o apoio da AMAAIAC e CPI/AC para formar os AAFIs Jaminawa e Manchineri da TI Mamoadate, para que possam nos orientar e trabalhar na implantação de sistemas e quintais agroflorestais. Os agentes agroflorestais devem trabalhar em parceria com toda a comunidade: lideranças, pajés, professores, agentes de saúde, de saneamento e outros representantes de nossas aldeias. (Plano de Gestão Territorial e Ambiental Jaminawa e Manchineri, 2016, p. 57).

Finalmente usamos como referência nesta dissertação, Jacinto e Maciel (2014), por tratarem especificamente da realidade do povo Manxineru, e por reunir os mapas que correspondem à nossa organização sustentável.

Os estudos supramencionados foram os que usamos como referências principais nesta dissertação, embora o presente estudo tenha se referenciado fundamentalmente no conhecimento dos sábios Manxineru, transmitidos oralmente, os quais forma fas fontes de nossa história antiga de sustentabilidade parte indissociável da história do povo, dos princípios que regem a sua unidade social e cultural e o seu respeito pela natureza.

### **Organização da dissertação**

Esta dissertação está assim organizada: inicia-se com uma introdução, em que apresento o estudo, seus objetivos, metodologia, e justificativa, além de algumas notas sobre as referências usadas, seguidas de uma explicação sobre a organização interna do estudo. No Capítulo I, discorro sobre a localização geográfica atual do povo Manxineru, sua distribuição em aldeias em sua Terra Indígena Mamoadate, sobre a época de seu cativo sob o jugo dos seringalistas, e sobre o período de libertação. O Capítulo II trata do significado da noção de governança na cultura Manxineru e descrevo o papel de nossos líderes e seus poderes. Trato também de alguns de nossos costumes, de como se educa e de como transmitimos nossos conhecimentos. O sonho, fonte de conhecimento na cultura Manxineru é também abordado, assim como o surgimento da caiçuma e do milho massa, elementos fundamentais da nossa cultura. No Capítulo III, falo do desenvolvimento tradicional Manxineru antes do contato e depois do contato e mostro também que, além das roças, os Manxineru possuem colocações, um termo que surge com os seringalistas, mas que corresponde em certo sentido aos lugares em que os Manxineru praticavam o seu descanso espiritual com suas famílias, assim como os roçados de antigamente e os roçados na atualidade. No Capítulo IV, início com as transformações sofridas pelos Manxineru com a borracha, o Seringal, os padrões e seus impactos

na vida dos Manxineru. Mostro como sobrevivem os Manxineru na era pós-seringalista, sobretudo quanto à sua economia e à sua sustentabilidade. No Capítulo V, trato do plano territorial da terra indígena Momadate. Mostro que o povo Manxineru sempre utilizou este território com muita sabedoria no lidar com os seus recursos naturais, sem prejudicar o meio ambiente, de acordo com seu próprio conhecimento, fazendo o plano de uso tradicional, porque para o povo Manxineru a terra é mãe e pai. Esta consciência vem desde os nossos ancestrais. Em seguida, apresento as Considerações finais do estudo e as Referências Bibliográficas.

## CAPÍTULO I - SOBRE OS MANXINERU

### 1. Considerações Iniciais

Neste capítulo discorro sobre a localização geográfica atual do povo Manxineru, sua distribuição em aldeias em sua Terra Indígena, sobre a época de seu cativeiro sob o jugo dos seringalistas, e sobre o período de libertação.

#### 1.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POVO MANXINERU

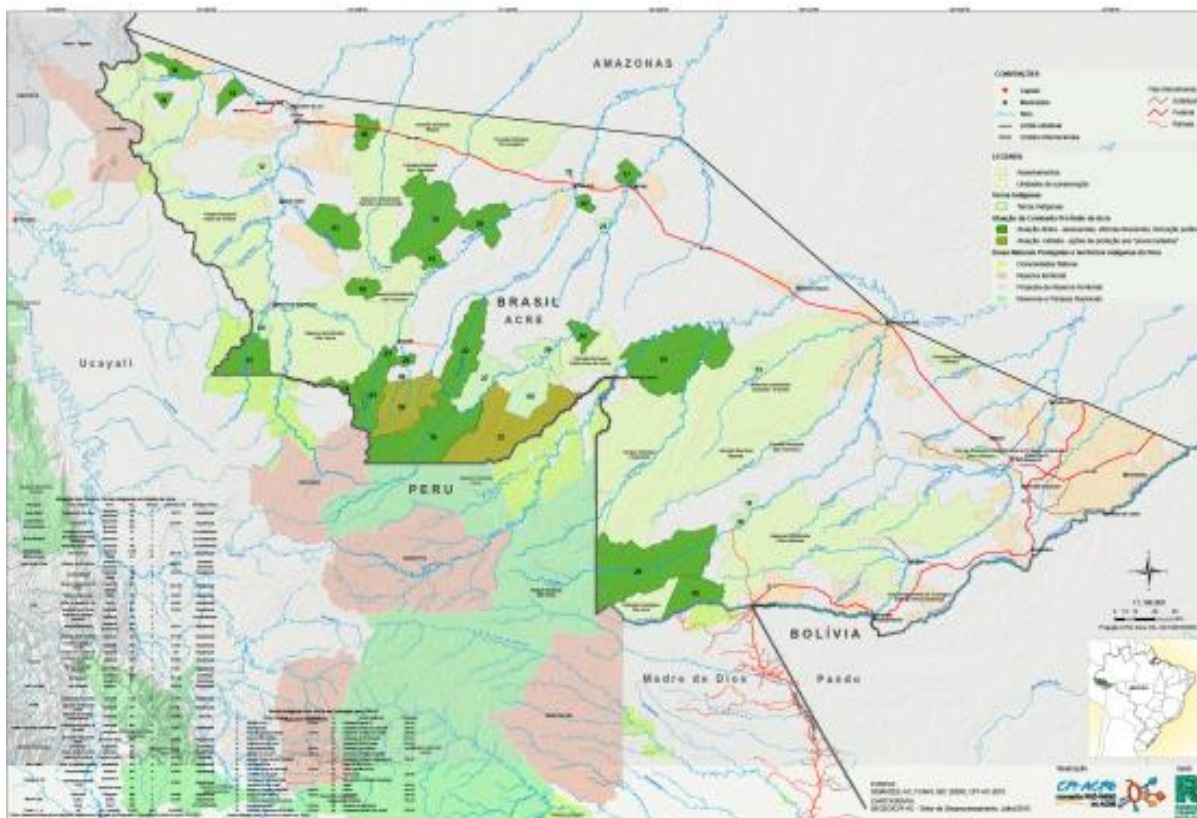
O território Manxineru localiza-se no município de Assis Brasil, no lado brasileiro. É chamada de Terra Indígena Mamoodate, Rio Yaco, localizada em parte do município de Assis Brasil e em parte no município de Sena Madureira. Abrange parte do seringal Guanabara, das reservas extrativistas Chico Mendes e Paraguaçu. Trata-se de uma terra compartilhada por dois povos, Manxineru (Aruák) e Jaminawa (Arawá). Tem 313.646,8663 quilômetros quadrados e nela vivem também índios isolados. Há 12 aldeias Manxineru na TI Mamoodate: Extrema, Lago Novo, Cachoeira, Cumaru, Senegal, Alves Rodrigues, São Sebastião, Terra Alta, Laranjeira, Santa Cruz, Jatobá e Peri. Uma pequena família localiza-se no igarapé Macauã, afluente do rio Yaco, município de Sena Madureira e outra pequena família vive no município de Xapuri; já outras famílias residem na capital do Acre, Rio Branco.

A maioria das aldeias da TI Mamoodate encontra-se na margem esquerda do rio Yaco, com a exceção das aldeias Cumaru e Senegal, que ficam do lado direito da margem direita do mesmo rio. Antes, havia apenas as aldeias Extrema Jatobá, Peri, Lago Novo e Betel. Esta última é a única aldeia criada depois de uma migração interna dos Manxineru e Jaminawa.

Do lado peruano, nos departamentos de Ucayalli, Madre de Dios e Cusco vivem os demais parentes dos Manxineru, que ficaram conhecidos na literatura como Piro, mas que se autodenominam atualmente Yine. Este é um termo que deve ser aplicado tanto aos Manxineru do Brasil, quanto aos parentes que vivem no Peru.

No território boliviano os parentes dos Manxineru, vivem na aldeia São Miguel. Esta é a localização geográfica histórica, respectivamente dos Manxineru e Yine.

Figura 1 — Mapa da Terras Indígenas do Acre – Atuação da Comissão Pró-Índio do Acre – CPI-AC



Fonte: Comissão Pró-Índio do Acre

## 1.2 QUEM SÃO OS MANXINERU

Manxineru é o nome pelo qual ficaram sendo conhecidos os Yine do Brasil. Os não indígenas, entretanto, pronunciam esta palavra aportuguesada “Manchineri”. Formas de escrita encontradas na literatura da palavra Manxineru são: Manchinery, Matineri, Maxineri, Maxenere, Maritinery. São falantes de uma língua conhecida pelo mesmo nome, pertencente à família linguística Aruák, e forma com as línguas Apurinã e Iñapari, um pequeno sub-ramo dessa grande família (cf. FACUNDES, 2000).

As descrições mais completas da fonologia e de aspectos gramaticais da língua Yine foram realizadas por Matteson (1951; 1954; 1955) e por Couto (2012; 2014; 2016). Em Couto (2016) é apresentada uma discussão detalhada de todos esses estudos linguístico. O artigo intitulado Bases Culturais para a expressão de gênero em Manxineru, do qual eu sou co-autor (CABRAL; MANXINERU; COUTO, 2015), mostramos que a atribuição de gênero em Manxineru tem motivações semânticas explicadas pela nossa história mais antiga que nos ensinam a existência de dois mundos, o da água e o de fora d’água, respectivamente, o mundo

feminino e o mundo masculino. O que vem da água é feminino, por ser ela a mãe que amamenta os animais, as plantas, a terra. O que está fora dela é masculino, e só a história mais antiga vai explicar as exceções, pois as metamorfoses estiveram sempre presente na cultura Manxineru.

Segundo os anciões Manxineru, antes do contato, existia uma única maloca (aldeia). Nela, cada família tinha sua própria morada. Nessa época, todos se conheciam e nada de outra aldeia, e viviam sob o comando da mesma liderança-pajé. Nessa aldeia, eles desenvolviam todas as suas atividades culturais e praticavam o conhecimento de seus ancestrais sem nenhuma interferência dos não indígenas. Eles tinham toda autonomia de colocarem em prática suas cerimônias de pajelança, através das bebidas sagradas e, através de seus sonhos, buscavam novos conhecimentos que não estavam ao seu alcance. Os mediadores da transmissão de conhecimentos eram (e são) os animais, como a onça, o gavião, a cobra, a queixada, e também os seres espíritos da mata, que se assemelham tanto a uma pessoa quanto a animais.

Na cultura Manxineru, cada sábio, ou seja, cada pajé trabalha com um poder de um tipo de animal, dependendo do grau de seu conhecimento e de sua habilidade de saber receber esses seres. Isso porque não é um encontro fácil.

Os sábios, antigamente, praticavam vários tipos de jogos entre eles, e as brincadeiras estimulavam as competições de equipes, mas de forma salutar. Cada equipe tinha seu próprio nome na competição. Eram nomes como *Manxineru*, *Koshitshineru*, *Wenejeru*, *Hahamluneru* e *Jiwutatu*. Estes nomes eram usados na equipe somente nas competições de brincadeiras tradicionais, assim como ocorre em campeonatos brasileiros, em que cada equipe tem o próprio nome do clube.

Atualmente, estes nomes das equipes de competições de jogos tradicionais Manxineru são nomes de clãs. Assim se organiza o povo Manxineru, por meio de clãs: *Yine* (gente); *Manxineru* (povo do Inharé), que é uma árvore com fruta vermelha e comestível pelas pessoas e animais; *Koshitshineru* (gente nação do passarinho); *Wenejeru* (gente nação da árvore do rio); *Hahamluneru* (gente do olho d'água), *Kjiwutatuneru* (nação de cabeça).

Os Manxineru se utilizavam de artefatos confeccionados pelas mulheres Manxineru, como o *Koshma*, o *Shetshi* (rede), o *Hashhaji* (pote) e o *Kolpeto*, (prato de barro), assim como de artefatos feitos pelos homens, como instrumentos de caça - flecha, burdona, *hahalu*, manchado de pedra, este confeccionado com dente de Paca de Rabo, conhecida cientificamente por *Dinomys branickii*. Toda equipe que participava dos jogos tinha a vestimenta apropriada de

algodão, confeccionada pelas mulheres artesãs, vestimentas próprias para brincadeiras de competições.

O *koshma*, vestimenta que se assemelha à batina, feita de algodão da samaúma, era utilizado somente pelos homens. Já o vestiário das mulheres consistia em uma saia e uma tanga, feitas de algodão da samaúma, plantado pelos próprios Manxineru.

Há milênios, o povo Manxineru vem confeccionando os seus artefatos, preparando sua medicina tradicional e praticando seus conhecimentos culturais. Segundo contam os anciões que alcançaram as gerações atuais, como é o caso do Sr. José Cabral Manchineri, a Sra. Petrona Maimara Manchineri e a Sra. Joana Antenor Manchineri, antes da colonização espanhola, o povo Manxineru convivia nas proximidades das comunidades dos Incas. Não havendo guerra entrem eles. Por outro lado, eram os amigos de guerra contra outros povos inimigos.

Os Manxineru fizeram sempre muitas festas tradicionais, como por exemplo, a festa da Pintação da Jovem Menina, na sua primeira menstruação.

Figura 2 — Ritual da Pintação



Enquanto não chegava a segunda menstruação, ela cumpria com uma dieta, deitada em uma rede, durante um mês, e este processo de dieta era acompanhado por uma anciã, a mais experiente da comunidade. Isso para ter cuidado na alimentação, no jeito de andar, para que se manter sempre deitada, aprumada na rede e, assim, não andasse para qualquer lugar. Cumprindo o processo de dieta, já depois da segunda menstruação, os pais iam preparar uma festa com muita caiçumada, feita pela jovem com a ajuda de sua mãe e de outras jovens. Depois de tudo pronto, o pai convidava todos os anciões da comunidade e todas as pessoas para a festa. A jovem toda pintada com a tinta de jenipapo e urucum tomava uma tosa de caiçuma com cada um dos anciões, e se não caísse embriagada, era porque iria ter muitos anos de vida. Mas, se ela caísse, era porque iria ter poucos anos de vida. Depois desse ritual de passagem, ela se tornava adulta. Assim acontecia, com muita celebração tradicional acompanhada de muita comida e bebida.

O povo Manxineru é muito criativo e coloca o que sabe em prática. Tem sua própria organização e controle sociais orientados por sua política interna. Entretanto, foi afetado pela guerra travada com os espanhóis contra o povo Inca, que culminou com o extermínio deste povo. A partir daí começaram as correrias e a divisão dos Manxineru. Parte do povo foi exterminada durante a guerra e outra sobreviveu ao massacre e permaneceu em suas regiões, no território peruano. Alguns grupos menores fugiram para o lado do território brasileiro para se protegerem da guerra.

Durante as correrias, esses grupos menores foram parar nas cabeceiras do Rio Yaco e afluentes deste, como os igarapés Abismo, Jurimagua, Paulo Ramo, Mutum, Macuã, assim como nas margens do rio Purus. Todos esses lugares são de difícil acesso para os não-índios. Começaram, então, a reconstruir tudo o que havia sido perdido durante a fuga. E, quando tudo estava reconstruído, o conhecimento da cultura do povo foi novamente colocando em prática no seu cotidiano, já com tudo normalizado.

Aconteceu, porém, um segundo momento de guerra e correrias, em que o povo Manxineru foi novamente violentado. Sofreu violência contra seus homens, mulheres, jovens e crianças, mas, os agressores foram os caucheiros peruanos e bolivianos. Contudo, mais uma vez o povo Manxineru conseguiu se reerguer.

A chegada do nordestino ao Acre para extração de seringa teve também consequências para o povo Manxineru, que têm vivido sempre lutando em favor de sua família, de seu povo, e de seu território, praticando o rico conhecimento legado pelos seus ancestrais.



Esse povo sempre foi guerreiro, porém, durante os dois momentos de guerra foram explorados pelos grupos dominantes peruanos e bolivianos. Em um terceiro momento, o povo Manxineru foi escravizado e mantido em cativeiros pelos patrões seringalistas acreanos, como o coronel Moisés Avelino de Souza, depois de libertos das mãos dos caucheiros peruanos e bolivianos. Durante os longos períodos de cativeiro, perderam o direito de praticar a cultura de seus ancestrais e foram forçados a praticar outra cultura, cortando seringa e trabalhando na abertura de campos. Era inclusive proibido falar sua própria língua nativa.

Nesse período, o povo Manxineru, do lado brasileiro, foi perdendo algumas práticas culturais, como a fabricação e o uso do *koshma* e um pouco da sua pintura corporal. Mesmo assim, o povo Manxineru preservou muito dos seus conhecimentos tradicionais.

### 1.3 Manxineru libertados das mãos dos seringalistas

Antes da demarcação da Terra Indígena Mamoadate, o povo Manxineru começou a trabalhar para Avelino Chaves e, depois que este abandonou o seringal, os Manxineru passaram a trabalhar para o seringalista Antônio Canício Brasil, época em que foram forçados a abrirem campo para a criação de gado e a cortarem seringa, mantidos em cativo.

Em 1975, uma equipe da FUNAI os visitou e viu a situação de trabalho escravo em que viviam. A partir daí, em conversa com os Manxineru e Jaminawa, a FUNAI começou com o estudo da Terra Indígena Mamoadate para a sua demarcação, a partir do que iniciou-se novamente a liberdade do povo Manxineru das mãos do seringalista Antônio Canício Brasil, permitindo que voltassem para a sua antiga aldeia, de nome Tabocal, que na língua Manxineru é *Phunputuru* ou *Ktsopreru knaha*. Hoje, o nome atual da aldeia é Extrema.

Já em 1977, a FUNAI abriu um posto indígena na aldeia Extrema, realizando a identificação da Terra Indígena Mamoadate, para onde passaram a ser transferidos os Manxineru e os Jaminawa. Começa aí o tempo chamado de “tempo dos direitos”, no qual diversas famílias foram morar nesse local. A escolha, em 1978, do local em que atualmente se situa a aldeia Extrema do povo Manxineru corresponde ao local da antiga maloca de seus ancestrais, embora parte dos Manxineru permaneceu nos lugares que já ocupavam fora dos limites da Terra Indígena Mamoadate. Algumas famílias continuaram vivendo no seringal Guanabara e em um local onde é hoje a reserva extrativista Chico Mendes, próximo à Comunidade Nativa Bélgica, no Peru, situada na outra margem do Rio Acre, onde moram junto com os parentes Yine, que são os mesmos Manxineru, como já dissemos anteriormente.

Lá, essa parte dos Manxineru viveu um período junto com o povo Jaminawa. Com a formação da aldeia Extrema e com a identificação da T.I. Mamoadate, muitos outros Manxineru e Jaminawa abandonaram os seringais e vieram morar nesta aldeia. Uma parte ficou de um lado da pista de pouso, recém-construída na época e, a outra, do outro lado. O deslocamento progressivo dos Manxineru e Jaminawa dos seringais para a aldeia Extrema contou com a atuação do indigenista e sertanista José Carlos dos Reis Meireles que, em 1982, começou a viabilizar a regularização fundiária da T.I., identificada no ano seguinte. A partir daí, começa novamente a reorganização do povo Manxineru para manter os conhecimentos de seus ancestrais, mesmo já enfraquecidos por interferência dos não indígenas. Assim a vida dos Manxineru foi se reconstruindo e eles voltaram a praticar novamente as técnicas e habilidades de fabricação de suas artes, de sua prática agrícola tradicional, fortalecendo novamente sua identidade.

Muito do conhecimento que foi perdido foi sendo recuperando aos poucos, pois esse contato lhes foi muito prejudicial, deixando alguns Manxineru com vergonha de praticar sua própria cultura. Hoje, o povo Manxineru tem sua liberdade de praticar seus conhecimentos em qualquer lugar, sem ter medo de que alguém os empatar. Assim, o povo Manxineru mostra ter crescido politicamente enfrentando o mundo ocidental e participando da política, através da sua organização, e tendo seus líderes em cargos importantes e também ingressando na Universidade Federal do Acre (UFAC), por exemplo.

Atualmente, há representatividade Manxineru na Câmara Municipal de Assis Brasil, no cargo de vereador. Assim, o povo Manxineru no Brasil tem crescido cada vez mais politicamente, reivindicando e lutando pelos seus direitos e conquistando-os, por serem sempre guerreiros, como os seus ancestrais.

#### **1.4 Algumas considerações finais**

Como mostramos, os Manxineru passaram por três períodos de muitos desafios, em luta pela sua sobrevivência, tendo que se adaptar aos sistemas de escravidão que lhes foram impostos, mas, por sua natureza resistente e guerreira, resistiram e conseguiram sempre se reerguer, perdendo minimamente de sua tradução milenar. Mas essa resistência encontra força na nossa história mais antiga, no modo como nos formamos pessoa, recebendo conhecimento sólido e aprendendo a respeitar esse conhecimento que nos faz Manxineru. Os próximos capítulos versam sobre a história antiga do meu povo, onde está a fonte de nossa resistência e de nossa unidade.

## CAPÍTULO II – GOVERNANÇA E OUTRAS PRÁTICAS CULTURAIS ANCESTRAIS DO POVO MANXINERU

### 2. INTRODUZINDO

Trato, neste capítulo, do significado de governança na cultura Manxineru e descrevo o papel de nossos líderes e seus poderes. Trato também de alguns de nossos costumes, de como se educa e de como transmitimos nossos conhecimentos. O sonho, fonte de conhecimento na cultura Manxineru é também abordado, assim como o surgimento da caiçuma e do milho massa, elementos fundamentais da nossa cultura.

#### 2.1 GOVERNANÇA MANXINERU

Na governança do povo Manxineru, antes do contato com os não indígenas, a autoridade maior possuía aquele que tinha todo o controle da organização comunitária e social, o que se reflete até hoje, no modo como os Manxineru se organizam. A autoridade era conferida aos líderes e sábios espirituais, como o Pajé.

Figura 3 — O pajé e a onça



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri e Gelson Manchineri

Não era qualquer pessoa que se tornava um líder ou um Pajé. A pessoa que se tornaria líder ou pajé, desde criança já expressava o dom de conhecer outro mundo, de ver o que as demais pessoas não podiam ver, somente ele. Sendo um líder nato e sendo o pajé nato ele tinha o dom de ver o mundo diferente de outras pessoas comuns. E essa era uma herança que passava de pai para os futuros netos que continuassem com a linhagem.

Por outro lado, antes de o pajé /morrer, havia a possibilidade de ele repassar o seu conhecimento para o seu filho de confiança ou para outra pessoa que não pertencesse à sua família, mas que fosse alguém de sua confiança. Quando o pajé morria, o filho que tinha recebido o conhecimento dele continuava utilizando esse aprendizado doado por seu pai em vida. Em algum caso, o mesmo líder era o pajé, então este sábio tinha 10 mulheres e suas mulheres tinham todo o poder de comando sobre outras mulheres Manxineru. Isso porque o conhecimento que ele recebia do universo da água, matar, relâmpago e animais e outros, cujo conhecimento pertencia à mulher. Ele então repassava para todas as mulheres dele esse conhecimento e, conseqüentemente, o poder. Então elas ensinavam as outras mulheres Manxineru sobre a cultura, medicina, preparação da moça nova e sua dieta, o conhecimento que esta podia e o que não podia fazer. Ensinavam sobre o respeito aos mais velhos as jovens femininas.

Assim, quando havia algum problema, por exemplo, quando alguém falava mal de outro, os anciões da comunidade logo faziam uma reunião, e o falador era convidado para uma roda de conversa, sendo obrigado a ficar no meio dessa roda, para que fossem tiradas as dúvidas sobre onde teria iniciado a fofoca. Isso até hoje ainda é praticado. Esse ritual comandado pelos anciões fazia e faz com que a pessoa encarregada de difundir a fofoca pare de mentir e aprenda a ser uma pessoa correta. Então, era assim antigamente e continua sendo assim até os dias atuais.

Em tempos antigos, os pajés Manxineru tinham muita força espiritual, e como sábios, tinham poderes sobre seus aliados, os animais, assim como sobre as pessoas para que estas vivessem uma vida social organizada e comunitária, e suas mulheres tinham o mesmo poder sobre as demais mulheres, pois elas seguiam todo o conhecimento de seu esposo. Elas tinham, assim, poder para o estabelecimento da organização comunitária cotidiana, podendo mandar fazer rede, pintura, cerâmica, medicina tradicional e outros.

Na cultura Manxineru, só esse tipo de sábio tinha dez mulheres e ele era o único que podia ter essas mulheres, mas outros não tinham permissão para tal.

Antigamente, existia a ordem do pajé, porque o pajé vivia com o nosso Deus *Tslatu*, então ele tinha todo o poder de fazer algo acontecer. Assim, por exemplo, se onça ou cobra comia um Manxineru, a família deste convidava o pajé para que durante a sua caminhada coletasse todas as sementes de coquinhos para ele misturar com outras sementes e, junto com o seu poder, matasse o animal que comera o Manxineru. E para assegurar a família do feito, o pajé matava o animal para mostrar seu corpo aos parentes do falecido. Por isso que ele tinha todo o poder de ordenar as pessoas que respeitassem todos os seres vivos que vivem na terra. Porque todos os seres vivos da terra são igualmente humanos. Assim era o poder do pajé Manxineru, antigamente, e continua assim, pelo menos na TI Mamoadate.

Quando um líder Manxineru dá um aconselhamento para outros Manxineru, ele tem o dom de falar com as pessoas bem baixinha, na tranquilidade. Para os Manxineru, quando se dá um conselho falando alto, gritando, alterado, está-se desrespeitando o outro, criando um problema possivelmente para a vida inteira, e o líder que está dando o conselho de forma errada perde a sua moral para liderar e perde a confiança dos outros Manxineru. Na nossa cultura, um líder deve ser verdadeiro e não fazer rodeios ou usar de qualquer força pra lidar com os assuntos tratados.

Outro princípio da cultura Manxineru é o de não mentir. Os ancestrais dos Manxineru não podiam mentir a outra pessoa, pois ficariam mal vistos na comunidade, ou seja, eles não teriam perfil de um homem. Porque na cultura Manxineru não se pode falar de outro pelas costas, mas sim face-a-face. Caso sua conduta venha a ser negativa cria inimizade com as pessoas.

Outra prática importante da cultura Manxineru é a de que todos os dias, na parte da manhã, as mães ordenam a seus filhos que tomem banho. Este é um momento de aconselhamento, em que as mães ensinam os filhos a respeitarem os mais velhos e nunca passarem na frente destes, pois caso contrário estarão desrespeitando o ancião.

A mãe também educa o seu filho para respeitar o seu sogro, pois se falar diretamente com o sogro, o gerno o estará desrespeitando. Esta é uma prática respeitada até hoje.

Então, o povo Manxineru ainda é assim. Somos diferentes de outro povo, não por uma característica em particular, mas pelo conjunto de suas práticas e crenças.

Infelizmente como a pressão da sociedade não indígena é devastadora, alguns dos nossos conhecimentos foram perdidos, embora práticas culturais fortes dos antigos Manxineru prevaleçam na atualidade, graças à nossa resistência, à força de nossa cultura milenar.

Antes do contato, por exemplo, não havia competição por projetos que envolviam dinheiro, mas, infelizmente, hoje há casos problemáticos envolvendo dinheiro.

## 2.2 A LINGUAGEM DOS MANXINERU NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

A linguagem dos Manxineru é oriunda dos animais. E na transmissão de conhecimento a linguagem usada é altamente erudita, pois os encontros espirituais se dão no momento de transmissão e recebimento do conhecimento.

Figura 4 — Foto de Malu Uchoa



Foto: Malu Ochoa

É o momento em que o ancião tem total suporte para repassar qualquer tipo de conhecimento tradicional. Além de orientar sobre os valores do conhecimento tradicional Manxineru para os jovens, seu conhecimento é bem aproveitado. E por ser uma linguagem oral e não escrita, é enriquecida com melodia e entonações que enriquecem sua finalidade comunicativa, postura e gestos que só podem ser vividos em uma comunicação plena, oral e face-a-face.

### 2.3 O SONHO NA CULTURA MANXINERU

Segundo os ancioões Manxineru, na cultura do povo Manxineru, além da utilização do kamalampi(cipó), da Kanatshiro, da Kahiwa, da ksopa e os animais mensageiros para fazer a conexão com o universo, epírito da floresta e a natureza, em geral, existe a técnica do sonhador de compreender os universos e o espírito da floresta, através do sonho e dos mensageiro animais. Assim ele entende o perfil de uma pessoa comparando-a com o animal com o qual ele sonhou, ou seja o sinal da mensagens dos animais. Cada animail tem o seu comportamento próprio diferente de outros, assim como os humanos. Isso funciona até o tempo presente para o povo Manxineru. Entretanto, somente alguns jovens compreendem essa técnica do sonho ao seu redor, destrinchando o que vai acontecer futuramente em sua vida pessoal ou no seu trabalho.

Para compreender, então, o sinal da mansagens dos animais é necessário que se tenha a habilidade de sonhador e de recebedor de mensagens dos animais, porque não é tarefa tão fácil de se entender como sua ciência nativa pode ser de grande utilidade. Isso é o que corresponde ao nosso conhecimento científico e que tem sido “escrito” na memória de cada um, atualizando-se no dia-a-dia da nossa vivência. Esse é um conhecimento milenar, escrito e praticado, não é um conhecimento morto na escrito, mas vivo na memoria e na vida.

Portanto foi um desafio durante o meu estudo no mestrado associar esta minha habilidade sobre conhecimento Manxineru usada para abstrair conhecimento científico escrito por outra pessoa.

Ao longo dos meus estudos no mestrado, tive acesso à uma rica bibliografia sobre sustentabilidade e povos tracionais. Embora enfrentando os problemas de letramento de indígenas que, como eu, vivenciei o mundo das cidades já em fase adulta, no meu caso, aos 16 anos comecei fala um pouco da língua portugues, tentei superar as dificuldades encontradas, e, à medida que lia e estudava, comparava esse saber com o saber milenar do meu povo, como forma de entender melhor a diferença entre os dois mundos. Para o pvo Manxineru o sonho e o sinal de mensagem dos animais é um elemento de comunicação através do sonho e do sinal de mensagem dos animais tem sua própria interpretação com o animal que ele sonhou representa a natureza de outras pessoas e também de compreden o sinal da mensagem do animal que tipo de pessoa vai chega no dia seguintr. Ser sonha com uma onça (mhenoklu) a pessoal que chegar ou encontra, não é boa pessoa para da confiança e fica sempre de olho nele, assim também se faz quando sonha com a cobra (himnu). Ser o pássaro capore (mosa) canta parte da manha a pessoa vai chega cedo mais ser o pássaro cabore canta parte da madrugada a



pessoa vai chega quando o sol esteve ser pondo. Já o pássaro gaviãozinho (shkiru) canta vai chega mulher grávida ou homem que tem mulher grávida dependendo de seu canta quando chega. Isso os amnxineru fiferencia. Já o pássaro ticua quando canta animado a caça esta perto ou seja a pessoa vai mata caça fácil, mais se ele canta conta dizendo ticua (tshikha) e por o perigo esta perto ou seja vai acontece algu errado. Assim é a leitura do mundo do povo Manxineru. Já no mundo dos branco tem muita leitura de livro, bibliografia e artigo feita pela outra pessoa, que na academia é conhecido como conhecimento científico e cada um competindo com o seu estudo achando e menlho o seu trabalho. Também compreender e interpreta a leitura o que auto esta dizendo em sua escrita.

Na minha cultura, como é o caso da maioria das culturas de povos nativos do Brasil, a transmissão de conhecimentos se dá pela oralidade, observação e prática, desde a infância. Trata-se de uma cultura ágrafa em que a palavra ou oralidade é o dom primordial de acesso ao saber, conjugado com o sonho e a prática cotidiana. Nesta seção, falo um pouco do sonho como fonte de conhecimento na cultura Manxineru.

### **2.3.1 Conhecendo através do sonho**

Na cultura Manxineru, o sonho é revelador de conhecimentos, dentre os quais revelador da natureza e caráter da pessoa que passamos a conhecer, se é uma boa pessoa, por exemplo. Acontece de encontrarmos alguém, e acharmos que na aparência se trata de uma boa pessoa, mas não o seu espírito. Isto porque, depois de sonharem com um animal, os Manxineru associam esse animal a primeira pessoa que encontram. Por exemplo, quando o Manxineru sonha com uma onça, a primeira pessoa que ele encontra representa o espírito da onça, logo não se trata de uma pessoa confiável.

Na minha experiência como Manxineru, quando uma pessoa lê um artigo, por exemplo, na concetraço da leitura o leito mergulha na vida do auto, no pensamento, na meditação, na concentração e na reflexão do trabalho de outro escritor, então, assim, a espiritualidade vai estar sempre presente e ela pode conhecer a alma da pessoa autora do texto, se é limpa ou não, se faz mal a outros seres vivos ou não, assim é o trabalho se tem a participação da coletividade onde foi coletado da infirmação ou e individual so para aperecer ao publico ou difulga o seu nome com ambição. Esta relação Manxineru com o mundo me fez, por exemplo, encontrar algumas dificuldades nas minhas leituras de trabalhos de alguns autores.

### 2.3.2 Transmissão de conhecimentos

Nesta seção, tratarei da transmissão de conhecimento na cultura Manxineru, focalizando a caiçuma, o *koshma* e o milho massa como elementos fundamentais da nossa cultura, e como se dá o conhecimento sobre eles, que são à base de nossa sustentabilidade.

O milho massa é conhecido na região e pelos Manxineru por milho Catiano. Destaco como nós concebemos o seu líquido, sua confecção e sua semente, até os dias de hoje. O estudo é orientado pela visão de que a cultura do povo é a referência fundamental desses elementos, respeitosamente considerada nas suas formas e funções, como resposta a nossas necessidades de alimento saudável, da mesma forma que o *koshma* nos protege dos frios da natureza.

Nós, os Manxineru, renovamos a nossa cultura permanentemente através de gerações, como ocorre com a forma de segurança alimentar e vestuários não indígenas, que refletem os modos de ver e de viver no mundo de outros grupos culturais, em cada momento de sua história.

De acordo com a nossa visão de mundo, os nomes pelos quais nomeamos os nossos familiares, tem o significado associado a todos os animais com suas habilidades. *Tepalha* (caiçuma) é ensinado pela *saweto* (maracanã) para as mulheres Manxineru; *koshma* (vestimento) é ensinado pela *swamaklo* (aranha) e Yineru shijne (o milho massa) foi ensinado pelo *Jema* (anta). De forma que estes têm papel fundamental no preparo dos alimentos, na confecção de artesanato e do *koshma* das comunidades Manxineru, desde os tempos imemoriais.

Ao longo do tempo, o povo Manxineru construiu seus conhecimentos através da espiritualidade com a qual vivenciou os fenômenos da natureza e também através dos legados do Deus *Tslatu*. Desde o início do mundo, o povo Manxineru convive com o conhecimento tradicional de seus ancestrais, recebendo os ensinamentos transmitidos pelos pajés. Já o descobrimento da caiçuma, do *koshma* e do milho massa não foram recebidos pelo pajé, mas através do casamento entre o Manxineru, a maracanã e a onça. Já o milho foi um Manxineru que descobriu pelo peido da anta. A transmissão desses conhecimentos é feita entre os Manxineru de geração para geração.

Para os Manxineru, a pessoa tem que obedecer a uma regra de transmissão de conhecimentos. Não é qualquer pessoa que pode receber um conhecimento, sendo necessário, que tenha conhecimento espiritual. Isso é extensivo aos que desenvolvem uma investigação ou

pesquisa sobre conhecimentos da cultura Manxineru, como foi o meu caso durante a minha pesquisa.

Apresento, em seguida, como foi o descobrimento da cuiçuma, do *koshma* e do milho massa para os Manxineru.

### 2.3.2.1 A maracanã ensina as mulheres Manxineru a fazerem caiçuma

Um Manxineru jovem e solteira tinha vontade de se casar. Certo dia ela viu uma maracanã que estava muito bonita, no galho de uma árvore, o que chamou a atenção do jovem manxineru, que disse:

- Se esta maracanã fosse uma mulher, eu iria casar com ela para a resto de minha vida!”. O jovem, então, retornou à casa.

Figura 5 — Maracanã ensinando as mulheres Manxineru a fazerem caiçuma



Fonte: Gelson Manchinieri e Lucas Manchinieri

Certo dia ele saiu de sua casa, e quando ele estava caminhando no seu pique de caçada ele viu uma jovem mulher muito linda, sem defeito, com os cabelos compridos e a franja cortada. Então o jovem perguntou:

- Quem é você?

A jovem, então, respondeu:

- Eu sou aquela mulher que estava sentada no meu canto e você falou que se eu fosse gente, iria casar comigo. Fui eu a quem você disse isso, e cá estou eu. E como ela era tão linda, o jovem não pensou duas vezes e a convidou para ir com ele, tendo ela aceitado acompanhá-lo até à casa dele.

À tarde, de volta para casa, a mãe do jovem, ao vê-lo chegar com uma jovem muito linda e diferente de outras jovens, lhe perguntou de onde era essa jovem. Mas ele nada contou, embora sua mãe insistisse na pergunta, até que um dia ele contou para sua mãe que tinha visto uma maracanã e dissera para ela que, se ela fosse uma moça, casaria com ela. E que, então, outro dia, ela veio e o encontrou no caminho de sua caçada e agora ele estava casado com ela.

Mas ocorreu que a moça não deixava que lhe vissem o seu rosto, que ela cobrinha com seus cabelos. Assim, o tempo foi passando, e ela, com a família de seu esposo, não deixava nem o seu esposo ver a sua face. Mas, sua cunhada ficava brava com ela, por isso a moça nada fazia a respeito.

Quando essa moça fazia caiçuma, ela só cortava a mandioca bem miudinha e deixava o pote com a mandioca cortada coberto com pano de algodão. Suas cunhadas reclamavam dizendo que ela estava estragando a macaxeira, mas, no dia seguinte, ela desmanchava a caiçuma para o marido dela tomar. Acontece que a caiçuma era tão bem feitinha que causava a inveja das cunhadas dela. Estas perguntavam como ela fazia a caiçuma, pois não a viam colocá-la no fogo. Mas a maracanã não lhes contou o seu segredo.

Um dia, enquanto ela foi para a casa com seu esposo, as cunhadas dela resolveram abrir o pote com a macaxeira fechada. Então, a maracanã voou indo falar ao seu marido que não ia mais voltar para casa, porque as irmãs dele bagunçaram a sua caiçuma, na casa que era sua própria casa. Disse-lhe também que era ela mesma quem fazia a caiçuma, por isso ela não deixava outra pessoa nem mexer a caiçuma. A partir daí, as mulheres Manxineru aprenderam a fazer caiçuma e, até o dia de hoje, elas fazem a caiçuma que nós Manxineru consumimos.

Assim os Manxineru foram construindo o seu desenvolvimento tradicional com a ajuda de alguns animais que se tonaram gente e os ensinaram as coisas que eles não sabiam, transferindo-lhes as suas tecnologias.

### 2.3.2.2 Surgimento do milho massa para o povo Manxineru

Antes do contato com a sociedade dos não indígenas, há muito tempo atrás, quando o povo Manxineru não tinha conhecimento do milho massa, e não o cultivava em sua agricultura tradicional, um homem Manxineru foi caçar. Quando ele chegou bem longe da aldeia, no deserto da mata, começou a procurar o jabuti no meio das tabocas caídas e dos balseiros, onde tinha muito vestígio de jabuti e, também, muito vestígio de anta no meio dos vestígios dos jabutis.

Figura 6 — A descoberta do milho pelo peido da onça.



Fonte: Desenho de Gelson Manchineri e Lucas Manchineri

Lá viu muita quebradeira nas tabocas que faziam a trilha. Quando o homem, atentamente procurando o jabuti, ia passando perto de um balseiro muito grande de tabocas caídas, escutou um peido, que dizia:

- Aqui tem milho, aqui tem milho! E nada dele perceber esse peido. Quando ele andou mais ou menos três metros, escutou novamente o mesmo peido, que dizia a mesma palavra:

- Aqui tem milho, aqui tem milho! Com este barulho, o homem ficou em pé, escutando este peido e o peido repetiu o dito. Ele marcou a direção do peido, ficou pensando e falou assim:

- O que será que está peidando, falando o nome de milho? Qual seria o milho sobre o qual esse peido está falando?

Então ele resolveu ir olhar o que era, saindo bem devagarinho na direção do peido. E a anta já tinha parado de peidar. Quando ele chegou perto onde estava o barulho do peido, ele espantou a anta e falou:

- Há! Era anta que estava peidando!

E continuou andando. Quando ele chegou onde estava o barulho do peido, ele viu uma pequena árvore cheia de junta, toda quebrada por anta, e pensou assim:

- Será que é nessa pequena árvore que o peido da anta estava dizendo que tem milho?

E ele falou assim:

- Eu acho que é essa mesmo!

E pensou novamente:

- Será que a gente pode comer?

Resolveu então levar algumas espigas de milho para experimentar e comer e levar três outras para plantar. Então ele fez um paneiro de palha de jarina e levou o milho para casa. Quando ele chegou a casa, ele pediu para a mulher cozinhar o milho, experimentou e comeu. Gostou e nomeou a planta dizendo:

- O nome dessa planta vai ser *yineru shijne* ‘milho do Manxineru’.

Ele pegou essas três espigas de milho e pediu para a sua mulher guardar, enquanto ele foi procurar um local para plantar o milho. Quando achou esse lugar, plantou o milho. A mulher então disse:

-Vamos buscar mais milho, marido!

- Vamos!

Quando chegaram lá, a anta já tinha acabado com o milho, mas ele disse:

- Nós já temos as sementes que eu plantei.

E voltaram para casa. Quando foi daí a um mês, ele foi olhar onde tinha plantado o milho e o milharal estava tão bonito que ele ficou muito satisfeito. E ele viu também que o milho estava maduro e que já dava para comê-lo. Então, ele levou o milho pra casa e mandou que o cozinhassem. Quando ele comeu do milho, gostou e logo botou o nome da planta dizendo:

- O nome dele vai ser *Yineru Shijne* “milho da gente”. E as novas gerações Manxineru vão continuar chamando este nome: “*Yineru Shijne*”.

Por isso, os Manxineru vêm plantando esta espécie de milho, dessa época até os dias de hoje, e nunca mais deixaram de plantá-lo.

### **2.3.3 Natureza em movimento**

A natureza naturalmente se reconstrói, em um movimento que vem há milênios. Hoje o ser humano vem destruindo a natureza sem perceber que ela dá a vida e mais vida a todos os seres vivos. A floresta está sendo desmatada, mas poucas pessoas sábias sabem que ela é quem manda a água para os outros seres vivos. Para nós, Manxineru, a floresta tem suas próprias leis construídas pelos poderes das árvores, da terra, das águas e dos animais da selva amazônica brasileira. Dentre os conhecimentos dos poderes da floresta, estão aqueles da Onça (presidente), da Jaguatirica (prefeito), da Anta (senador), do Macaco Preggo (deputado), Macaco Cairara (deputado federal), e Caboclinho da Mata, que é o pai da mata e é a justiça. Então, todos esses seres estão sendo afetados pelos seres humanos no desmatamento, poluição de água e poluição de terra. Eles já estão doentes de tanto massacre, por isso é que esses seres precisam limpar os seus corpos da sujeira deixada pelo homem, que não é capaz de ver as consequências dos seus próprios atos. Essa limpeza pode melhorar os alimentos que são produzidos por nós seres humanos. Por esta razão, a natureza está entrando com as ações contra os desmatadores poluidores de água. Exemplos são o deslizamento de terra, os alagamentos de rios e as grandes tempestades. Muitas pessoas colocam a culpa no governo, mas a culpa é dos fazendeiros e do agronegócio, que não respeitam as leis da natureza que vêm há milênios. Para a natureza ser purificada, os seus movimentos em se cuidar já estão afetando os seres humanos que não a respeitam. Os rios já estão secando e as plantações não estão crescendo de acordo com a natureza. Por isso, nós Manxineru entramos em ação para ajudar a floresta na sua preservação, como fazendo o roçado com muito cuidado para não destruir as vidas que existem na natureza. Para isso, reconhecemos os locais certos de roçado, que não afetam nossas medicinas tradicionais, nossas árvores sagradas e seus animais.

## **2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Neste capítulo, tratei de alguns aspectos da transmissão de conhecimentos na cultura Manxineru. São fundamentais nessa transmissão, o pajé e suas esposas. Governança é antes de tudo o poder da espiritualidade, pois o conhecimento só pode ser adquirido no contato com os seres espirituais, em que o sonho é cenário, contexto e fonte de conhecimento. Falamos da origem da caçuma e do milho massa, nossa bebida e comida. Essas considerações são fundamentais para o entendimento de como nos organizamos com respeito ao conhecimento e

sua transmissão, como é o respeito que temos à nossa história, uma condição para a manutenção de nossa identidade forte Manxineru.



## CAPITULO III - DESENVOLVIMENTO TRADICIONAL MANXINERU ANTES DO CONTATO E DEPOIS DO CONTATO

### 3. Notas preliminares

Neste capítulo, ao falar do Desenvolvimento tradicional Manxineru antes do contato e depois do contato, inicio com algumas palavras sobre nossa tradição milenar. Mostro o papel de *Yonpixwalu*, que trabalhava com o rei do fogo, *Tshitahiwasute*. Ele nos ensinou o modelo de roçado que deveríamos seguir. Mas era *Tshitshiwasute* que tinha o fogo em uma caixa de pedra. *Yonpixwalu* exemplifica a inteligência do saber cultivar sem agredir a natureza e os animais, trabalhando com a ajuda destes. Este é um princípio que orienta os Manxineru até hoje.

Neste capítulo, mostro também que, além das roças, os Manxineru possuem colocações, um termo que surge com os seringalistas, mas que corresponde em certo sentido aos lugares em que os Manxineru praticavam o seu descanso espiritual caçada com suas famílias, assim como os roçados de antigamente e os roçados na atualidade.

#### 3.1. NOSSA TRADIÇÃO MILENAR

Em tempos antigos, havia um Manxineru chamado *Yonpixwalu*. Ele trabalhava com o rei do fogo, que se chama *Tshitahiwasute*. Quando o *Yonpixwalu* fazia o roçado, ele primeiro ia averiguar se a terra era boa para plantar todo o tipo de plantaço. Em seguida, ele marcava o tamanho do roçado do jeito que ele queria. Então ele pedia ao *Tshitshiwasute* para queimar o roçado dele, e o fogo queimava somente o lugar onde *Yonpixwalu* havia marcado para ser o local de seu futuro roçado. Mas, antes de tocar o fogo no roçado, ele pedia para sua esposa limpar o seu terreiro de casa e buzinar quando a fumaça do fogo estivesse subindo para o alto. Ela, então, buzina no acero do roçado. Isso era para o roçado queimar bem sem nem deixar madeira no meio do roçado e o fogo fazer o seu serviço bem completo.

*Tshitshiwasutei* tinha o fogo em uma caixa de pedra. Ele era o único a possuir o fogo. *Yonpixwalu* era um Manxineru muito inteligente e sábio e não tinha outro Manxineru igual a ele. Tinha quase o poder do nosso deus *Tslatu*. Ele previa o que iria acontecer. Assim, se ele dissesse que esse *Ouricuri* iria ficar ruim na vista das pessoas, mesmo sendo o melhor *Ouricuri*, as pessoas viam-no como ruim. Ele até fez uma mulher Manxineru virar juriti, e o próprio sogro

virar cobra preta. Ele transformava coisas ruins em coisas boas e tudo que ele construía parecia muito pequeno na visão das pessoas.

Construía-se uma casa, ela parecia muito pequena, mas ela era, na realidade, bem grande. Mas, *Yonpixwalu* não trabalhava só, ele trabalhava com todas as espécies de animais, que são: pinica-pau, macaco prego, macaco preto, oro, mutum, graúna, Macaco soim, macaco de cheiro, paca, cutia, macaco cabelão, nambus azul e com outros animais que ele mandava trabalhar no seu lugar e cada um com sua função. Quando ele ia fazer o roçado, ele pedia para esses animais trabalharem para ele e estes faziam o que ele lhes pedia. Assim, os animais não derrubavam outras árvores que estavam fora da picada de marcação do roçado. E como ele tinha o respeito pelas árvores, ele tinha o respeito com os animais que trabalhavam para ele, e isso mostrava um ambiente muito saudável, e que por ambos os lados da natureza não havia destruição da biodiversidade. *Yonpixwalu* tinha muito cuidado, por isso, para ele, nada era impossível, tudo para ele era muito fácil de fazer, pois ele tinha muitos ajudantes que eram os animais. Assim ele trabalhava com os fenômenos do universo, os elementos da natureza: trovões, chuva, relâmpago, lua, sol e estrelas. Por isso é que ele tinha um poder quase igual ao de *Tslatu*, nosso Deus.

Quando *Yonpixwalu* fazia o seu roçado, ele ia sozinho para brocá-lo, mas quando a mulher dele ia deixar cuiçuma para ele beber, ela escutava muita gente falando e brocando o roçado, assim, ela ia bem devagarzinho para ver as pessoas, mas quando ela chagava ao local da broca, ela só via *Yonpixwalu* brocando o seu roçado. Quando ela voltava para casa, assim que ela pegava o caminho, ela começa a ouvir muita gente novamente falando.

Certo dia, ela perguntou a *Yonpixwalu*:

- Com quem você está falando? Quando vou deixar a caiçuma, eu vejo muita gente falando?

E ele respondeu:

- É que é somente eu que você vê. Mas ela não se conformou e disse que eram os animais que trabalhavam com ele. Todas as plantações dele eram de boa qualidade porque ele tinha uma técnica de plantar os seus plantios e para cada uma tinha a sua técnica própria de plantar. A banana ele plantava na lua cheia, e a pessoa não fazia cocô perto dela para não dar bichos no seu tronco e folhas; o milho também era plantado com a mesma técnica; já a macaxeira, ele plantava na lua cheia com uma jovem com as pernas grossas, e essa moça ia falando que a planta iria ficar do tamanho da raiz da Samaúma. Assim a macaxeira seria de uma boa qualidade em sua batata. Já o inhame, para plantá-lo, ele saía sem comer nada e sem fazer

cocô para que o inhame não crescesse com doença. Outras plantações, ele plantava na lua escura para que os insetos e os demais animais que se alimentavam desta planta não soubessem onde ela estava e, assim, não a invadiriam.

Para *Yonpixwalu*, a coisa mais perigosa para estragar qualquer tipo de planta é a mulher que está com menstruação, por isso, quando a sua mulher estava com menstruação, ele pedia para nem pensar em andar no roçado, sendo ele que levaria a plantação comestível para casa. Se, por acaso, a mulher menstruada andasse no roçado, os legumes não poderiam ser comidos de tão ruim.

Figura 5 - Roça Manxineru. Acervo da CPI-AC, 2002.



### 3.2 COLOCAÇÕES MANXINERU E CALENDÁRIO

Atualmente, na Terra Indígena Mamoadate, além das doze aldeias Manxineru, existem também, entre os diferentes pontos de moradia, o que chamamos de colocação, ou seja, locais abertos para moradia e outras atividades da agricultura tradicional. Toda aldeia tem suas colocações. Assim, mesmo morando em uma aldeia, um Manxineru pode manter colocações. As colocações servem para as famílias abrirem roçados, para caçar, para coletar água e também para praticar brincadeiras tradicionais, para habitar, cuidar da saúde tomando sanango e outros remédios, além de treinarem seu preparo físico e receberem a transmissão e prática de diversos conhecimentos Manxineru.

Antes do contato, os Manxineru chamavam a colocação de *pokotshri*, onde faziam diversas caçadas com suas respectivas famílias. Na época dos seringalistas, o patrão introduziu o nome colocação, onde os seringueiros iam cortar seringa. Mas a prática antiga faz parte da memória e identidade do povo, e revela também sua necessidade de tranquilidade junto aos seres da natureza.

Os Manxineru são também detentores do conhecimento sobre os pontos que lhes orientam na construção de suas tecnologias.

### 3.3 O CALENDÁRIO AGRÍCOLA MANXINERU

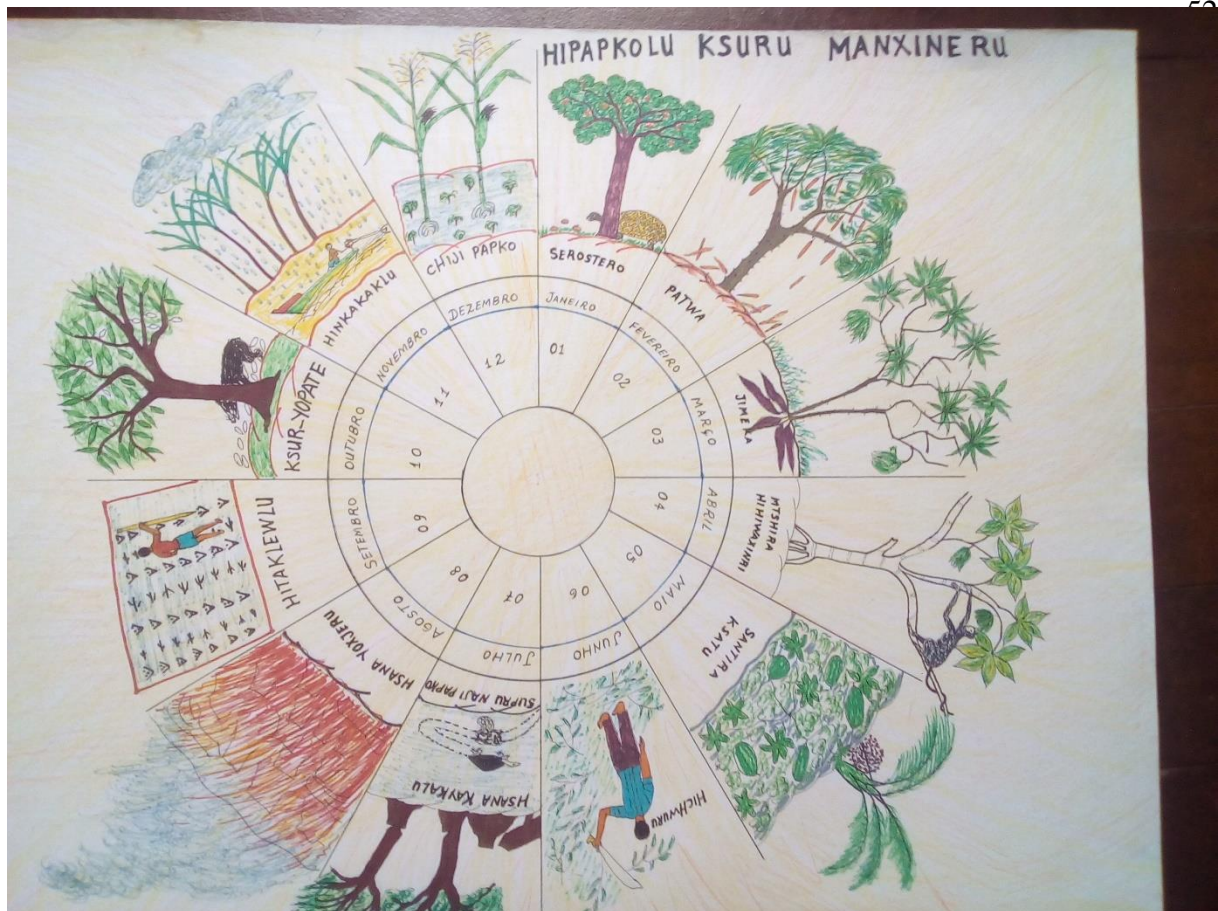


Figura 6 - Calendário Manxineru. Acervo da CPI-AC, 2002.

### 3.3.1 No mês de maio

O povo Manxineru inicia a broca de roçado no mês de maio. Todos os pais de família colocam seu roçado próprio para o sustento de sua família. As lideranças, junto com as pessoas da comunidade, realizam uma reunião para fazer o planejamento das brocas de roçados. Quando tudo está combinado, as mulheres vão primeiro fazer caçuma para os homens beberem durante a broca dos roçados. Quando a caçuma está fermentada, os homens vão caçar para matar caça para eles comerem durante a broca do roçado. Quando eles chegam da caçada, começa o trabalho de mutirão, o trabalho coletivo.

### 3.3.2 Nos meses de junho e julho

No início do mês de junho, acontece a coivara dos roçados e, depois, se faz o plantio e também a construção da casa. Algumas pessoas saem para a cidade para fazerem compras e

resolverem problemas pessoais. É a época em que se tem facilidade de transporte terrestre e em que o povo Manxineru se alimenta mais de peixe. É época de muita pescaria de jundiá, cuio e outros peixes. É também quando acontece de as famílias subirem o rio para fazerem pescaria no lago ou em igarapés. E estas pescarias duram de uma a duas semanas. Também é a época de muitas festas tradicionais nas comunidades Manxineru.

### **3.3.3 Nos meses de agosto e setembro**

Agosto e setembro são os meses em que os Manxineru estão fazendo a limpeza do roçado. Para fazerem essa atividade, cada dono do roçado faz um adjunto, juntando as pessoas em mutirão, com muita caçumada, que como já dissemos, é a bebida tradicional dos Manxineru. Após essa atividade de mutirão, cada família faz atividades individuais, como tirar lenha, buscar macaxeira no roçado, pegar caças, etc.

### **3.3.4 Outubro e novembro**

Outubro e novembro são os meses em que o povo Manxineru faz a colheita dos legumes para alimentação e faz armazenamento das sementes para o ano seguinte, ou seja, para não perder as sementes. Este tipo de atividade é feita também em mutirão.

### **3.3.5 Dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril.**

Estes são os meses em que o povo Manxineru caça mais na floresta à procura de seus alimentos prediletos, caças. É também o período em que fazem algumas atividades individuais por família. Assim é o costume do povo Manxineru nesses cinco meses.

## **3.4 FERRAMENTA DE TRABALHO TRADICIONAL DO POVO MANXINERU**

Os instrumentos de trabalho de *Yonpixwalu*, este sábio da antiguidade, eram o machado de pedra, dente de paca de rabo, fogo e flecha. Era protegido pelo espírito da floresta, pelos animais que trabalhavam com eles e que seriam transformando em gente. Mesmo que

*Yonpixwalu* tivesse esse poder, outro sábio Manxineru também trabalhava no desenvolvimento da nossa cultura, com os animais e de outras formas, embora com menos poder.

Figura 6.1 — Yonpixwalu



Fonte: Gelson e Lucas Manchineri

Os animais os ensinavam a medicina, o artesanato, a caçuma, a pintura e outros conhecimentos. A medicina foi a onça que ensinou para o Manxineru; já o artesanato e o fiar do algodão foi à aranha e a caçuma foi a maracanã que ensinou as mulheres Manxineru. E todo esse desenvolvimento de ensinamento não era prejudicial para a floresta e a para natureza, em geral. Esse conhecimento do *Yonpixwalu* foi colocado em prática pelos Manxineru nos seus roçados para que não destruíssem a natureza e a floresta, pois para os Manxineru, tudo que vive nesta terra tem vida.

Os Manxineru colocam os seus roçados nas terras escolhidas para plantar todos os tipos de plantação, mas respeitando o tempo de cada fenômeno do universo. Eles põem o seu roçado no mês de maio, tocam fogo no mês de agosto, plantam no mês de setembro, mais toda plantação é feita de acordo com seu habitat, que inclui as épocas sinalizadas pela natureza. A macaxeira, banana e milho, eles plantam na lua cheia, mas às vezes eles plantam o milho na lua escura para a graúna e a bombinha não o acharem. Assim, cada família constrói os seus roçados para o sustento familiar.

Esse conhecimento é tanto do *Yonpixwalu* quanto dos outros sábios. Quando os sábios não eram capazes de projetar algo, eles consultavam os animais: o sábio (pajé) comunicava aos reis dos animais o que estava acontecendo e este respondia:

- O que você que?

O sábio dizia:

- Não estou conseguindo fazer uma canoa! (por exemplo).

Então o rei começava a dar as dicas de como fazer sua canoa. Assim, o sábio resolvia o problema. Essa comunicação se dava através das bebidas sagradas, *kanatshiro*, *kamlampi*, *ksopa* e *Kahiwa* e a comunicação também era através da cantoria, mas, às vezes, independentes disso, os sábios também falavam com os espíritos da floresta, ao vivo ou pelo sonho.

Assim, *Yonpixwalu* e outros sábios trabalhavam com e para o seu povo. Portanto, o povo Manxineru, antes do contato, tinha suas próprias habilidades e tecnologias de auto sustentabilidade, com a ajuda da natureza e do universo.

A pessoa chamada de chamã ou pajé tem todo o poder de conversar com os animais, reconhecendo a importância deles para a sobrevivência do povo. Também o chamã sabia onde tinha muita caça e peixe, porque ele logo ia conversar com os reis dos animais para que estes liberassem uma presa. Contudo, havia reis dos animais que são muito miseráveis e que não deixam alguém matá-los, ficando, assim, difícil de matá-los. Mas havia reis que não eram miseráveis, sendo assim, havia muita facilidade de matar as caças. Esse conhecimento foi transmitido de geração para geração e continua sendo transmitido até os dias atuais.

### 3.5 O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO DAS MULHERES MANXINERO

As mulheres Manxineru têm sua própria habilidade de desenvolver o conhecimento de seus ancestrais, sem depender dos homens Manxineru. As mulheres têm mais habilidade e técnica, mais do que os próprios homens, pois elas fiam algodão e fazem o tecido com muita qualidade, além de fazerem cerâmica, para o que é necessário conhecer a ciência da natureza.

Na comunidade Manxineru, a preservação, de acordo com as reflexões das mulheres Manxineru sobre a importância de manter nossa sabedoria. Nós, os Manxineru estamos conscientes de que estamos perdendo algum conhecimento de nossa cultura, por isso estamos reforçando nossas práticas, preservando-as. Estamos fazendo a recuperação das pinturas



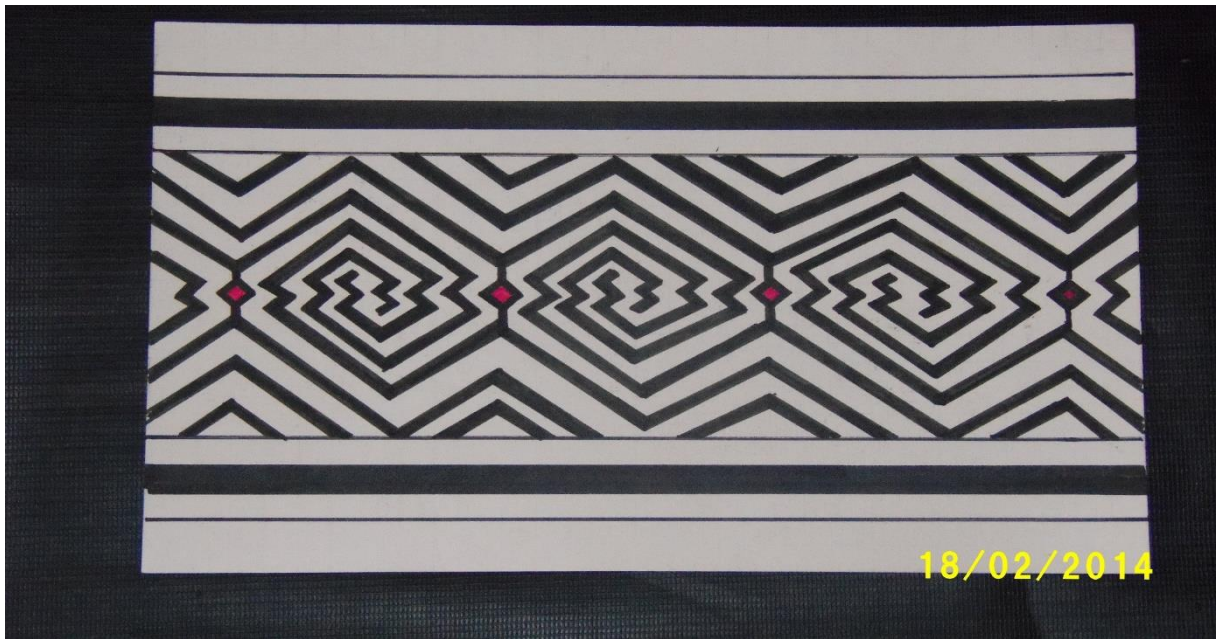
Manxineru, por exemplo. Os conhecimentos dos desenhos pressupõem, além do talento, um longo processo de aprendizagem. A artista deve dominar todo o repertório de formas gráficas, sendo capaz de combiná-las, de modo a cobrir toda a superfície sobre a qual desenha, não importando a sua irregularidade ou extensão.

As mulheres começam a aprender a pintar desde cedo, observando o trabalho das artistas mais experientes. Mais tarde, as aprendizes tentam repetir os padrões que observaram anteriormente. Mas essa repetição não é simples imitação, ela depende do desenvolvimento dos gestos e da sensibilidade de quem conhece os desenhos de cabeça e é capaz de criá-los nos objetos.

A transmissão do conhecimento dos desenhos se insere no longo processo de educação e amadurecimento das mulheres. Tal processo tem sua culminância no *hapijihlu*: a festa de iniciação feminina. Nesta festa, as moças que serão iniciadas cumprem, como já mencionei anteriormente, um resguardo, durante o qual terão seus corpos pintados pelas avós. Enquanto as iniciadas cumprem seu resguardo, os demais membros da comunidade participam de brincadeiras, dançando, tocando música e bebendo caiçuma (bebida fermentada feita de macaxeira). A bebida deve ser oferecida em tibungos de barro pintados, e os anfitriões da festa devem estar vestidos com seus *koshma* ricamente desenhados.

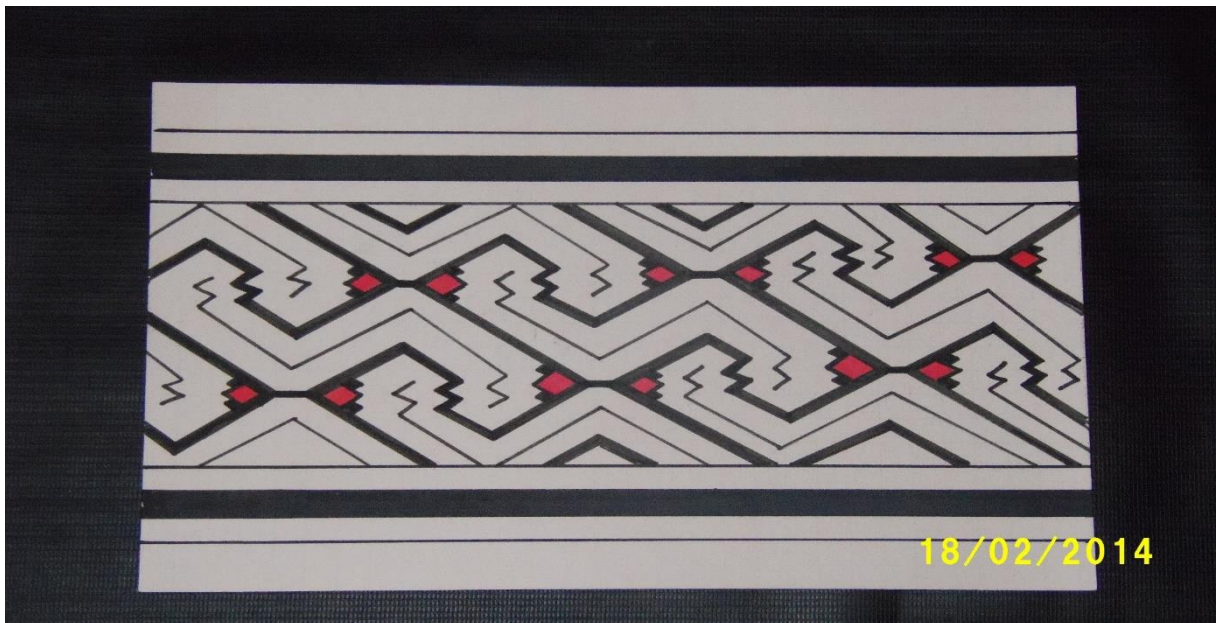
Sem mulheres capazes de desenharem, não há festa de iniciação feminina. Este fato é interessante na história do povo Manxineru, em que têm papel fundamental os desenhos tradicionais, com sua diversidade dos padrões gráficos. E um dos impactos do contato foi o enfraquecimento da transmissão desse conhecimento entre os Manxineru. Mas as mulheres Manxineru continuam colocando em prática justamente o *yonawlu* (*Pintação*), *koshma* (*vestimento*), *shetshi* (*rede*), *hashhaji* (*pote*) e outros conhecimentos que pertencem às mulheres. Isso poderá contribuir para o conhecimento das novas gerações Manxineru, pois é fundamental para a sua formação e para desenvolver novas habilidades na confecção de seus artefatos, cuja origem pertence ao conhecimento dos animais.

Figura 6.2 — Hjiweyohlu Yonha – Desenho do Redemoinho de água



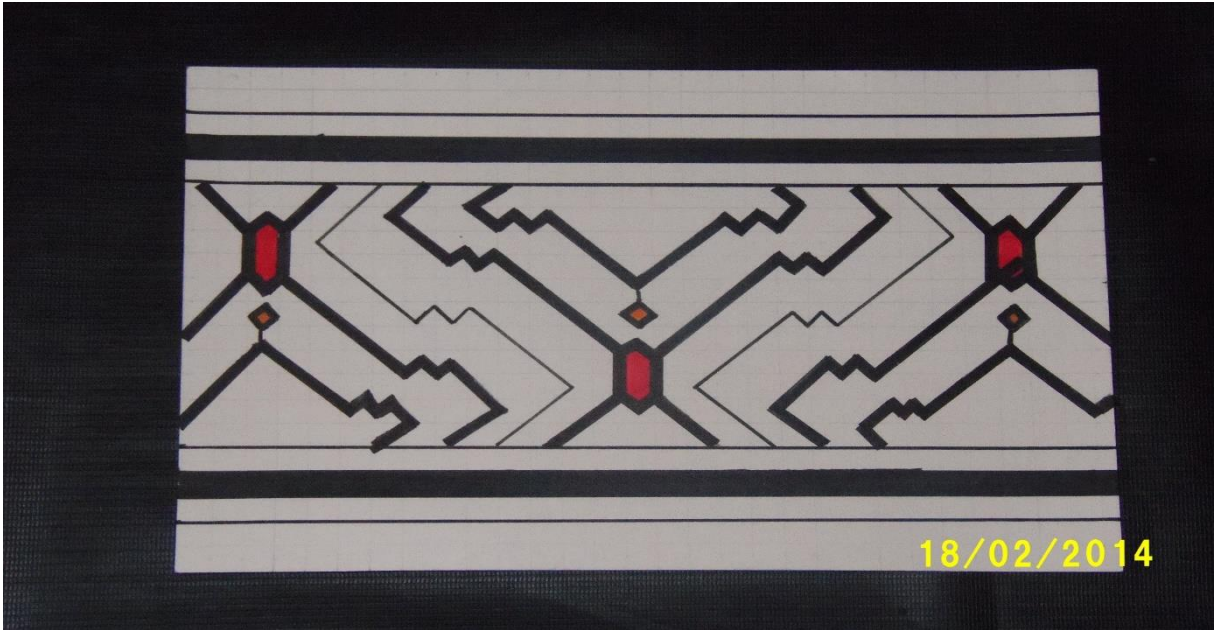
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 7 — Yawriri Meji Yonha – Desenho da pena do Manguari



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 8 — Mapxiru Yonha – Desenho do corpo da Sucuri



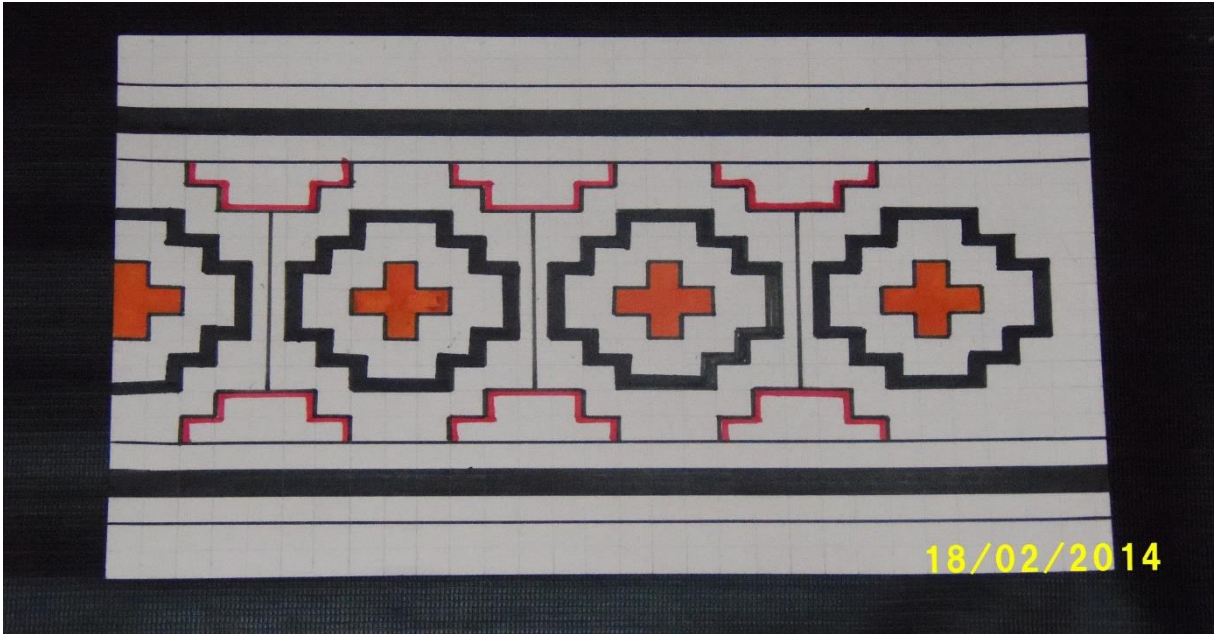
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 09 — Suklupi Yonha – Desenho do corpo da pica de jaca



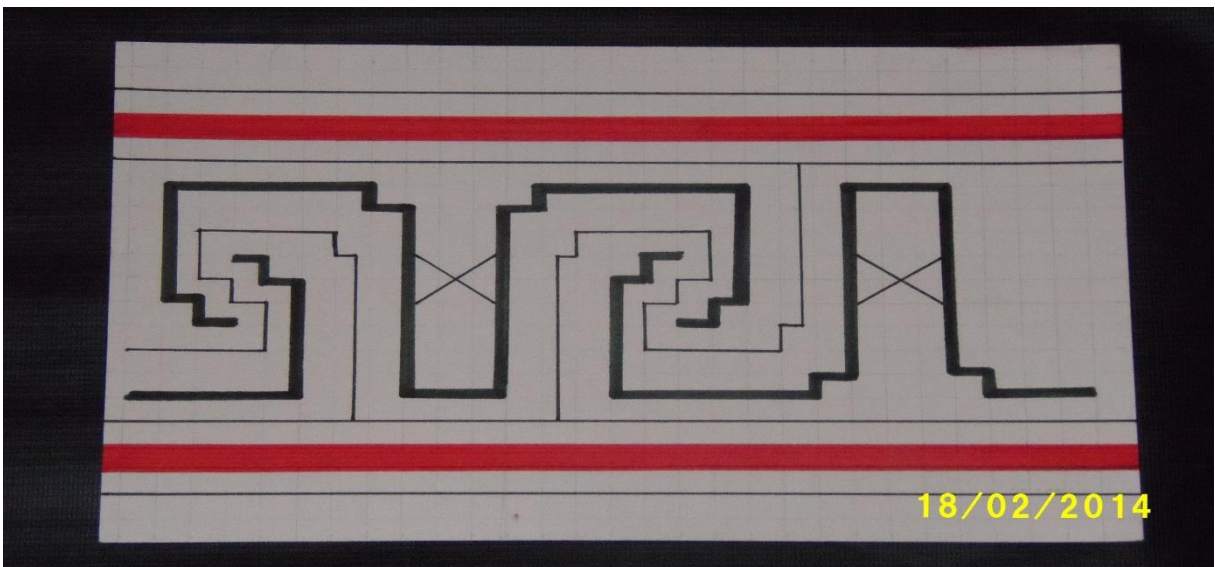
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 10 — Tshkipu-ta Yonha – Desenho do casco Tartaruga do Gapó



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 11 — Tsharawa Yonha-jiwa – Desenho da cabeça do peixe surubim



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 12 — Pamlo mane Yonha – Desenho do corpo da Arara



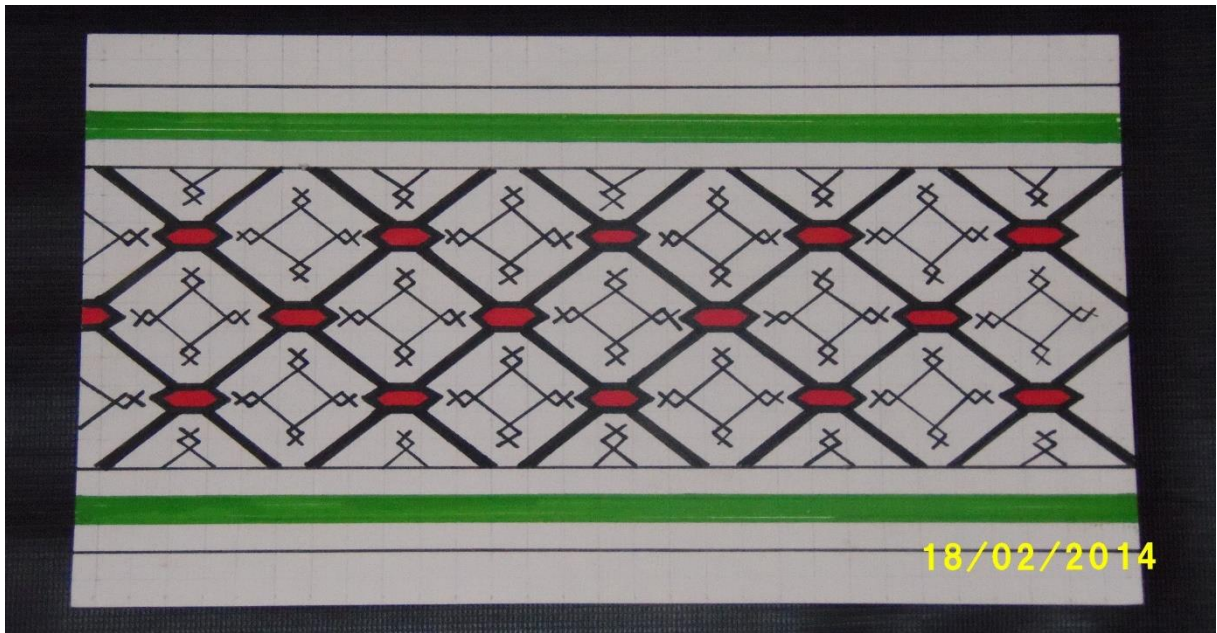
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 13 — Hyamutu mane Yonha – Desenho do Corpo do peixe Piau



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura14 — Knoyata Yonha – Desenho do casco do Jaboti



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 15 — Hanyo Yonha - Desenho da carapanã



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 16 — Mhenoklu-ste yonha – Desenho da mão da onça



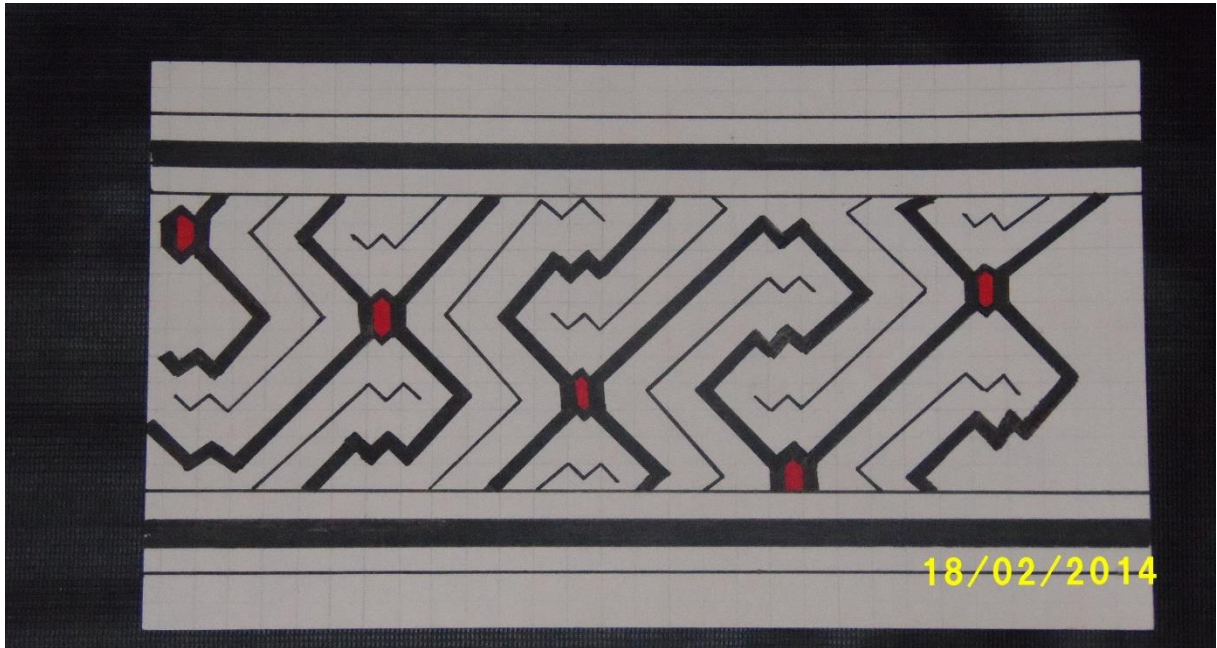
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 17 — Mapyolo Yonha- Desenho do corpo da Jiboia



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 18 — Kayonalo Yonha desenho do corpo de peixe Surubim



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

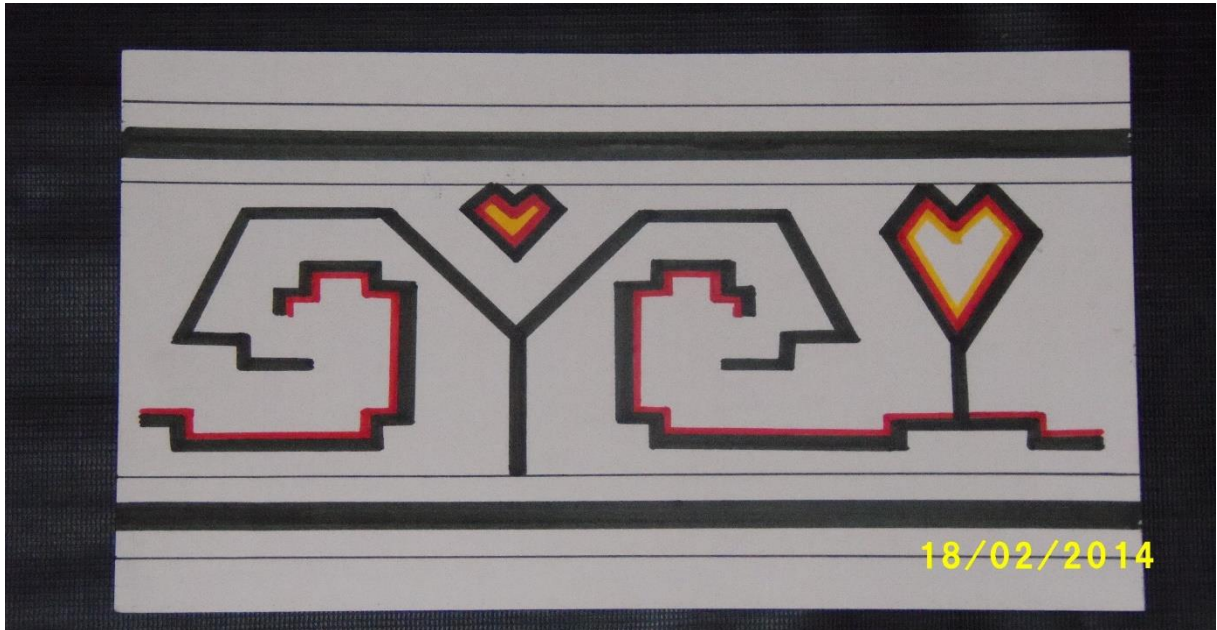
Figura 19 — Yotlo Yonha- Desenho do dente do siri



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri



Figura 20 — Paktsha Yonha – Desenho do Gavião



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 21 — Tlolo Yonha – Desenho do Sapo



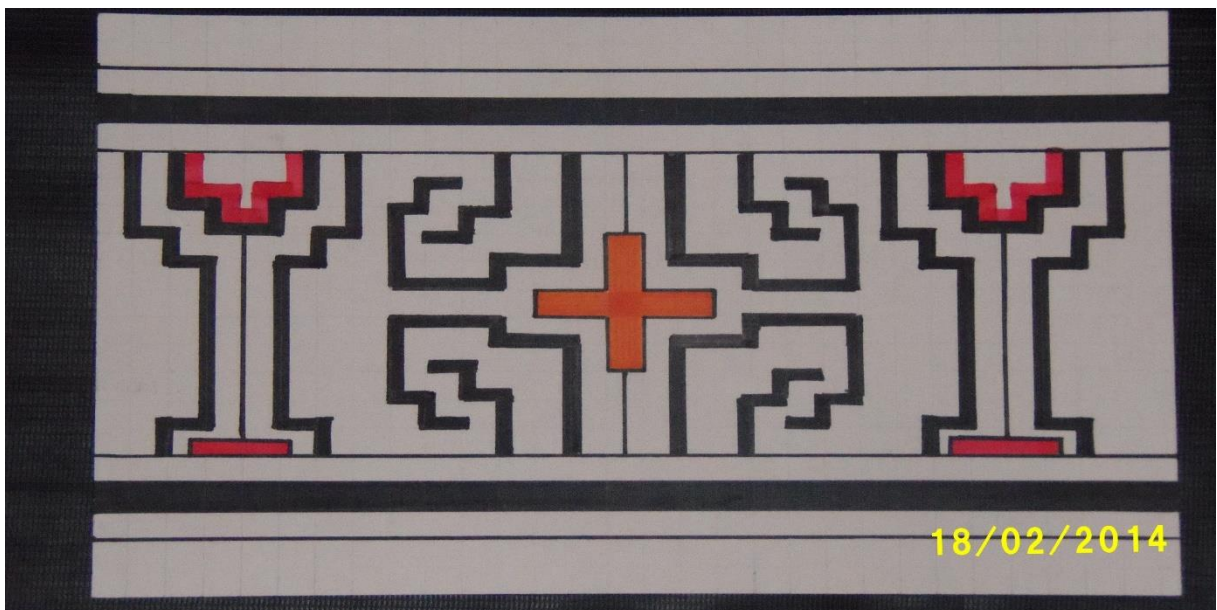
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 22 — Yonalu Mane yonha - Desenho do corpo do Gato Maracaja



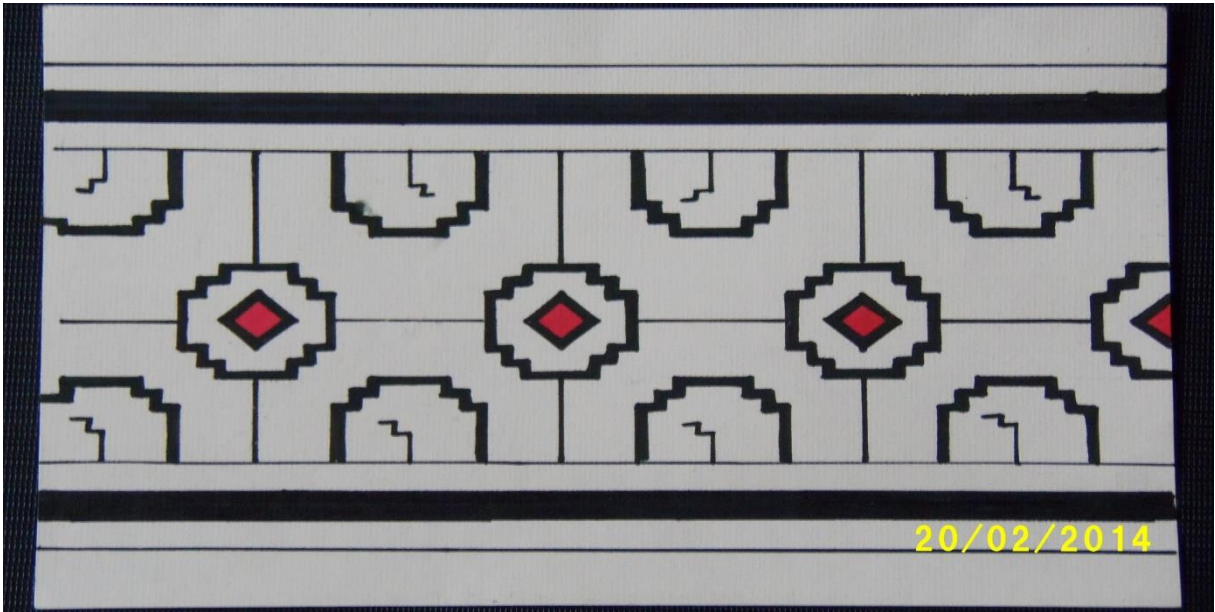
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 23 — Wsunu Yonha – Desenho da copa da sumaúma



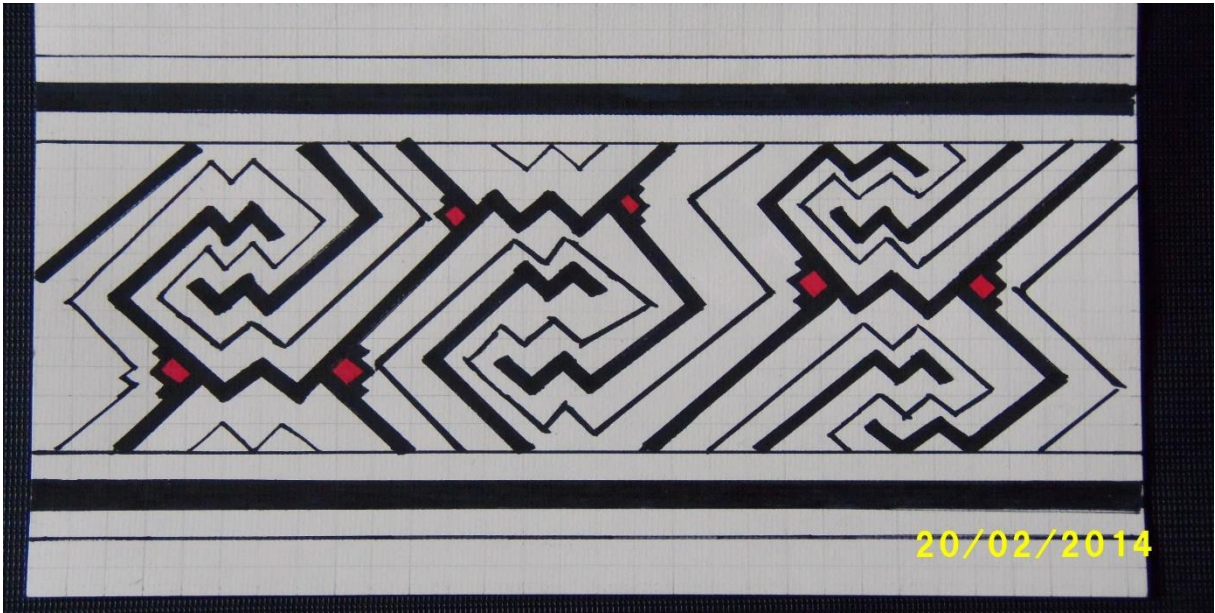
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 24 — Kahwuru Yonha – Desenho de flor



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 25 — Prujro yonha – Desenho do peixe Mandim



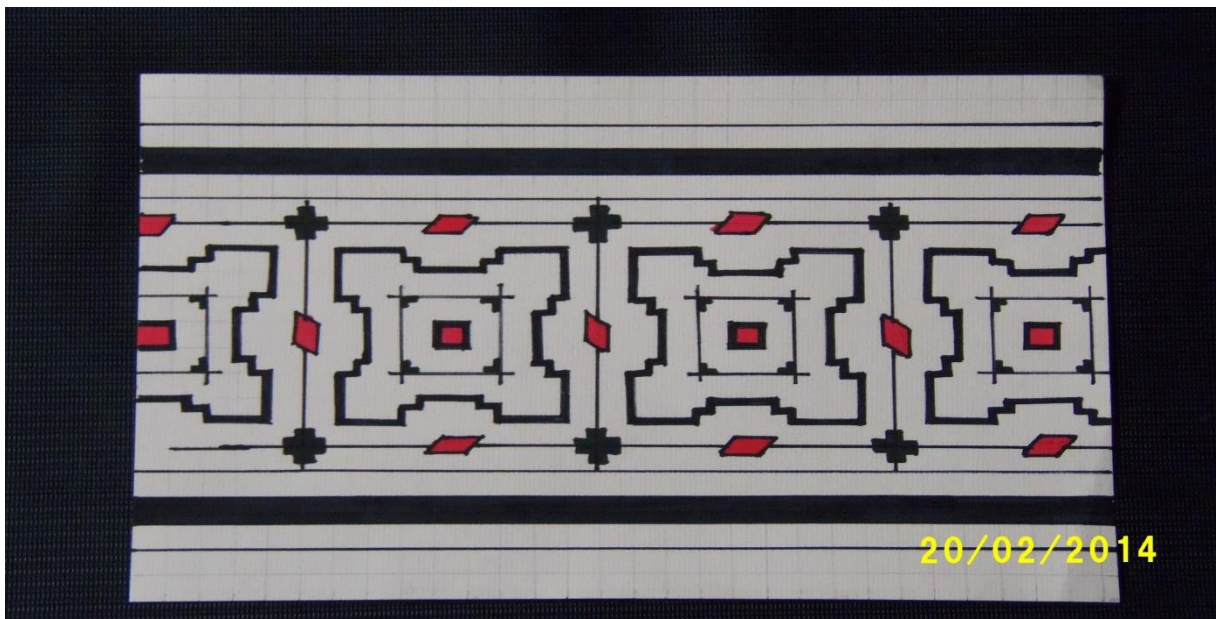
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 26 — Mamalo Yonha- Desenho do corpo da Arraia gran



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 27 — Supruta Yonha- Desenho do casco de Tracajá



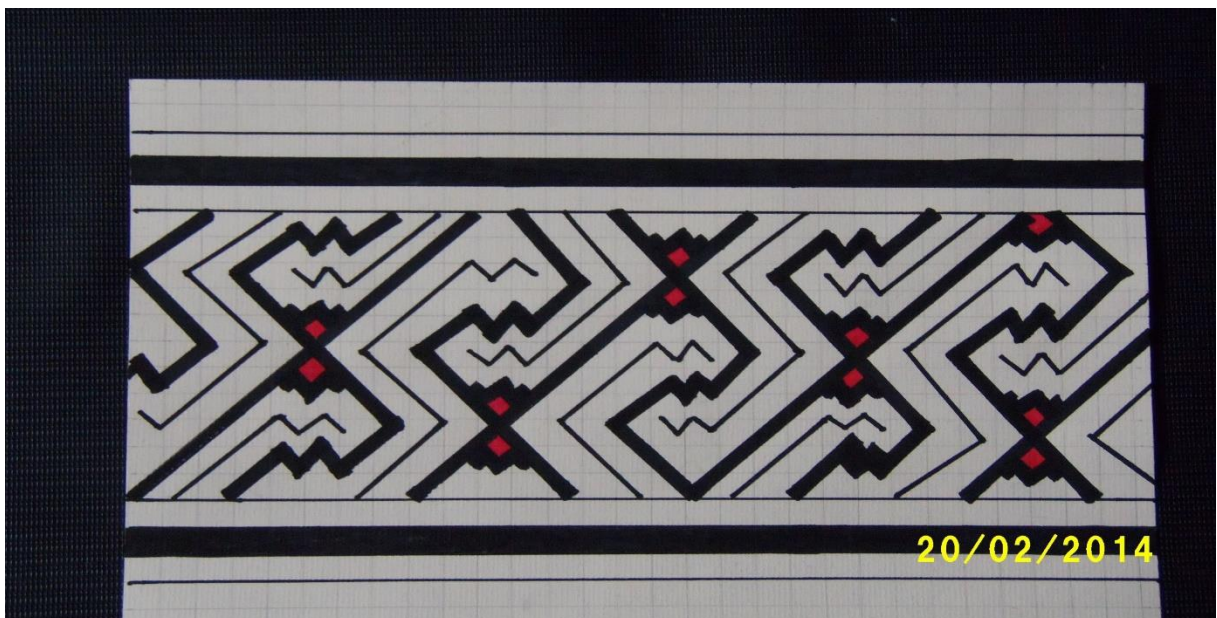
Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 28 — Katato Yonha – Desenho da Borboleta



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Figura 29 — Desenho do Gavião de Anta



Fonte: Desenho de Gelson Manchineri e Lucas Manchineri

Figura 30 — Msemsewlo yonha – Desenho de Gavião de Anta



Fonte: Lucas Artur Brasil Manchineri

Para o povo Manxineru, a onça é um animal que se transforma em uma pessoa e ensina as palavras desconhecidas para este povo. Então o pajé trabalha muito com este animal em seu ofício espiritual, até porque a onça é detentora de muitos conhecimentos, que os pajés não sabem, mas a onça sabe. A onça é um ser que ensina e transmite o seu conhecimento e orienta o pajé.

A pintura do corpo da onça é usada no artesanato do povo e na *koshma*. E também algumas falas do povo Manxineru foram ensinadas pela onça (*Yeye*). Assim, o nome de parentesco do irmão mais velho é *Yeye*.

Figura 31 — A Onça da o koshma ao cunhado Manxineru



Fonte: Gelson Manchineri e Lucas Manchineri

Para as mulheres Manxineru, este conhecimento das pinturas está sendo praticado até hoje nas cerimônias de pintura da menina, por isso, para os Manxineru, os animais são de valorosa ajuda no desenvolvimento das comunidades e na sua sustentabilidade, mesmo que os Manxineru sejam criativos, sem depender desses animais.

Hoje, o exemplo da onça continua sendo praticado pelos mais velhos das comunidades Manxineru, como são os casos das palavras oriundas dala. Infelizmente alguns jovens não conhecem mais essas palavras faladas pelos animais e praticadas pelos mais velhos da comunidade.

Note-se também que a prática de desenvolvimento tradicional das mulheres Manxineru está um pouco frágil, embora tenhamos percebido a perda desses conhecimentos e tendo buscando a solução para resolver este problema em nossas comunidades.

Na historia antiga, segundo os anciões da comunidade, foi a mulher Manxineru que deu a luz ao nosso deus *Tslatu*. Ela manteve uma relação com a cobra sucuri e ficou grávida dessa cobra. A criança nasceu e, certo dia, a avó do menino estava tirando lenha em uma friagem e sua filha viu que sua mãe estava cansada. Então ela falou para a mãe:

- Cuida do meu filho que eu vou carregar lenha para você, mas não dorme com ele porque ele não é deste mundo!

Mas sua avó dormiu e quando acordou viu uma cobra no seu peito e a jogou no fogo. Logo o menino começou a chorar, pois transformara-se em humano, ficando o pai da criança muito bravo com sua mãe. Quando a filha chegou, a mãe deu um carão nela, dizendo que ela tinha um filho cobra. O pai do menino, então, chamou a mãe dele e disse para ela partir. Deu muita água para esfriar o menino da queimadura e disse que ela o levaria com ele. Ele deu duas sementes de jenipapo para a mulher e disse que iria chover três noites e três dias, e que essa semente era para ela, quando começasse a encher o rio.

Disse também que ela bateria no pé de jenipapo para que este fosse crescendo. E quando a água estivesse cobrindo o jenipapo, era para ela bater nele três vezes novamente e ele voltaria a crescer. Ela fez isso. Toda a família dela desapareceu com a enchente só restando ela e sua irmã mais nova. Então elas começaram a andar no mundo e a encontrar os animais. Os primeiros animais que elas encontraram foram o veado, a saracura e a irara. Encontraram também duas pessoas cegas, o tamanduá bandeira e o tatu mutum. Encontraram também a cutia e, finalmente, elas chegaram à casa de um homem encantado que ficava solzinho. Ele não ficava em casa e as recebeu muito bem. Ele disse para a mulher para ficar, pois ele iria sair. Ela apenas se alimentou de macaxeira e banana da plantação dele. Mas antes de ele sair de casa, ele pediu o favor de não pegar a capanga dele que estava guardada na comieira da casa dele. E ela obedeceu, não mexendo. Contudo, toda tarde tinha uma pessoa tocando flauta dentro da capanga. Já passado muito tempo, ele não queria chegar e ela com intenção de casar com ele, decidiu ver o que tinha nessa capanga. Ela então subiu e pegou a capanga e viu algo bem enroladinho em um tecido de algodão. Quando ela desenrolou, viu todo tipo de ossos de gente. E cada osso era tão lindo, com desenho tão bem feitinho, com seus enfeites. Ela então começou a sfregá-los em sua barriga, dizendo:

- Se esse osso fosse gente, eu iria casar com ele.

E vendo um osso com o desenho mais bonito do que o dos outros, ela disse:

- Com esse mesmo que eu iria casar!

E ela saiu grávida. Logo, o homem apareceu e disse:

- Por que você mexeu na minha capanga! Eu não lhe disse para não mexer nela?

Então ele expulsou a mulher da casa dele. Assim, surge o nosso deus *Tsaltu*, filho de dentro da barriga da mulher. Ele, o filho da mulher, foi o guia na sua caminhada na mata, pedindo para ela ajuntar todos os tipos de flores para passar na barriga, até que ela, cansada com a falação do filho, ainda dentro de seu ventre, bate na barriga. A criança fica com raiva e para de orientá-la, e a mulher se perde e acaba indo para o caminho do mal, que dá na aldeia das onças, onde



ela foi morta pelas onças, antes de dar à luz aos quatro filhos: *Tsaltu*, *Hihrahaneru*, *Hiplopineru* e *Reyonaneru*.

Então, quando as onças estavam devorando ela, a mãe das onças pediu pelo menos que colocassem as crianças no galho do urucu, para mais tarde ela comer. Nasce o *Tsaltu*, e ali eles choravam todas as noites e, o esposo da onça, que era a jaguatirica, ficava enjoado de tanto eles chorarem. Então ele ia lá para matá-los, mas eles se transformavam em formiga ou caba e, assim, ele nunca conseguia matá-los.

Passado muito tempo, já crescido, *Tsaltu* descobre sua origem e quem era sua verdadeira mãe. Inicia-se o movimento dos *Tslatu* para a vingança da morte de sua mãe. Ele, então, foi matando as onças aos pouco, aos pouco. Eles ficavam brincando no poço do rio com as brincadeiras engraçadas que faziam rir as onças. Ele ficava embalando na rede, em cima do poço, e as onças queriam fazer isso também. As onças pediam permissão a *Tslatu* para fazer a brincadeira. *Tsaltu* disse, sim, mas que primeiro iria mergulhar para ajeitar para elas não caírem de cima do galho de pau. Mas, na realidade, amarraria a ponta de taboca para cima para que quando a onça caísse na água se espetasse na taboca. Colocavam também graveto de pupunha brabo no ouvido delas. *Tslatu* fazia encenava na frente da onça para chamar a atenção, a onça tentava imitá-lo e morria, pois não conseguia imitá-lo.

Os irmãos acabam por matar todo o bando de onças. E, no meio da matança, *Tslatu* se transforma em Deus. Um Deus que vinga a morte da mãe e que se torna exemplo para os antigos. Para os Manxineru sobreviverem deveriam fugir dos inimigos e ter o poder de vencer seu inimigo caso preciso.

Por isso que as mulheres Manxineru têm autonomia para comandar outras mulheres. Elas são respeitadas por serem a mãe de nosso deus *Tslatu*; e elas têm a forma de fazer sua organização social de acordo com o que elas pensam. E os homens não têm nenhum direito de interferir nos seus planejamentos. Assim trabalham nas confecções de artesanato, cerâmica, cestaria, na feitura da caiçuma e outras atividades.

As mulheres Manxineru também são as detentoras do saber cuidar das dietas de sua filha na primeira menstruação. Porque, na cultura Manxineru, o homem não cuida de sua filha. Ele é responsável pelo seu filho, mesmo gostando de todos.

Hoje, algumas das características antigas da organização das mulheres Manxineru se enfraqueceram. Mas elas sabem que existe este tipo de organização antiga, somente está congelada, mais a qualquer momento pode ser reavivada.

### 3.6 ROÇADO TRADICIONAL MANXINERU

Antes do contato, o povo Manxineru tinha o próprio roçado colocado na mata de terra firme nos baixo do rio e do igarapé, mas também nas praias de rio, onde se cultivava agricultura conforme a época, o clima, e sempre respeitando outros seres vivos. Por isso, quando colocamos os nossos roçados, respeitamos as áreas de matas ciliares das margens dos igarapés, rios e nascentes.

A proteção dessas matas é para preservar a água e os animais que vivem nelas. Porque percebemos que com as derrubadas das matas ciliares, os igarapés e nascentes secam e as águas ficam muito quentes. E também nós respeitamos os espíritos das árvores grandes, por isso não as derrubamos para fazer os roçados.

Antes do contato, os Manxineru plantavam no seu roçado o milho, banana, inhame, batata doce, macaxeira, e no roçado de praia era cultivado milho, jerimum e mudubim. Completava a alimentação com as frutas nativas encontradas fora dos roçados: pama, inharé, cagaça, patoá, manitê, jenipapo, açaí, pupunha, jarina, mão de onça, biriba, cajarana, abiu e outros.

Tradicionalmente, temos esse tipo de produtividade. Sempre cultivamos legumes em nossos roçados de terra e de praia. É nossa cultura que vem desde nossos ancestrais, sem prejudicar a natureza, dinamizando nossa economia Manxineru. Assim matemos a nossa sustentabilidade para a melhor qualidade de vida, sem destruir outras vidas que estão no nosso habitat.

Quando vamos fazer o roçado, primeiro vamos ver a localidade para verificar os tipos de plantas medicinais arbóreas que tem neste local. Se encontradas, os Manxineru colocam o roçado em outro local. Nós Manxineru sempre organizamos as sementee de nossa produção de acordo com sua habitação, por exemplo, milhos são colocados na fumaceira da cozinha para guardar as sementes (grãos) para o próximo ano, de forma a garantir a boa alimentação em nossas aldeias e não parar de cultivar o plantio do milho nos roçados.

Manejamos também palmeiras, dentre as quais uricuri, patoa e jarina. No passado, quando o povo Manxineru queimava os roçados, limpavam primeiro o terreiro de casa, e também as mulheres grávidas e menstruadas não podiam passar por dentro dos roçados, senão as plantas morreriam, e toda vez que fossem queimar os roçados, as mulheres ficavam buzinando com canos de taboca para animar o fogo, aí o roçado ia queimar bem.

Antigamente, para os Manxineru, não tinha capoeira, era tudo mata virgem. Hoje temos muitas capoeiras porque tem derrubada para fazer o roçado. Mas atualmente colocamos os nossos roçados nas áreas de capoeiras, de forma a evitar plantio na floresta virgem. Assim, evitamos as derrubadas para colocar os roçados muito grandes. Sempre fazemos o roçado tradicional que não prejudica a floresta.

Nas aldeias Manxineru existem áreas de capoeiras, e essas capoeiras as utilizamos para fazer o nosso roçado. Cada ano colocamos o roçado nos lugares diferentes e deixamos a mata do antigo roçado crescer durante cinco anos. Depois, voltamos a fazer roçado no mesmo canto. Enquanto utilizamos as nossas capoeiras, mantemos as nossas florestas em pé.

Hoje, nos nossos roçados tradicionais, cultivamos cana-de-açúcar para produzir mel, rapadura e açúcar gramixó. Produzimos para a nossa subsistência, para a merenda escolar regionalizada e, quando possível, comercializamos esses produtos nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil, mas só se houver excedente de produção.

Antigamente para fazer o roçado tradicional, nós não tínhamos as ferramentas que hoje temos e que facilitam o nosso trabalho de roçados. Por isso que os nossos roçados eram médios, mas davam para sustentar umas famílias durante um ano.

### 3.7 ROÇADO MANXINERU ATUAL

Nós, Manxineru, quando vamos colocar os nossos roçados, respeitamos os espíritos das árvores grandes - samaúma, açacu, mogno e outras, para não prejudicar as plantações que vão sendo plantadas no local. Nós, Manxineru, cuidamos de todas as frutíferas naturais que utilizamos como alimentos da comunidade. Hoje, além de cultivarmos as frutas nativas que pertencem ao nosso território, temos evitado o derrubar das árvores frutíferas para pegar os frutos, como pama, inharé, cagaça, patoá, manitê, jenipapo, açai, pupunha, jarina, cacau bacuri, jenipapinho, ingá de macaco, ingá de periquito, ingá de capelão, cajá, jatobá, cajarana, biriba bravo, mão de onça e buriti.

Coletamos as sementes dessas espécies, para o enriquecimento dos quintais e capoeiras. As frutas nativas da floresta são alimentos importantes para a nossa dieta e também para os animais que caçamos.

Temos nos organizado para utilizarmos o cultivo nas praias. Tradicionalmente cultivamos nossos legumes nas praias - jerimum, melancia e milho. Esse tipo de uso das praias em época de verão para a agricultura Manxineru é próprio dos homens e jovens das

comunidades. Todas as famílias cultivam arroz, milho, batata, macaxeira e banana, e plantam também feijão e outros legumes - inhame, jerimum e verdura, alho, além de cana-de-açúcar, cupuaçu, melancia, abacate, caju, Ingá, laranja, graviola, tangerina, manga e mamão.

Toda a produção das aldeias é voltada para o consumo interno, pois o deslocamento e transporte do produto de qualquer aldeia para a cidade mais próxima, como Assis Brasil, se torna inviável, já que a viagem até a referida cidade é feita, na maioria das vezes, a pé e dura até quatro dias. Além disso, as localizações geográficas relacionadas às estações climáticas do ano - inverno e verão - não colaboram para esse processo de troca e comercialização.

Existe um problema, pois há muitas formigas que acabam com as plantações. Tendo um exemplo no ano de 2005 ouvi uma praga de lagarta que acabou com as macaxeira. Os Manxineru ainda têm a maioria das nossas sementes tradicionais, com exceção do mudubim que foi perdido. Por isso é importante fazer o estudo das sementes do povo Manxineru para recuperá-las. Estamos botando nossos roçados mais nas capoeiras, pois em mata bruta é muito difícil.

Hoje, tem capoeira suficiente para todas as famílias. Assim estamos conservando as nossas madeiras, palhas, frutas e as caças. Não temos o costume de colocar roçados na beira dos rios e igarapés, apenas colocamos plantações de legumes, como mencionando acima, e por isso preservamos as matas ciliares hoje.

Para apoiar a segurança alimentar das aldeias Manxineru, necessitamos a formação dos agente agroflorestal das aldeias para aju no estudo da agricultura e produção de farinha, como milho e arroz, na quantidade do consumo de cada família.

Hoje os Manxineru têm uma variedade de instrumentos de trabalho, como o machado, a motosserra, a inchada, o terçado e o esmeril para amolar os ferros, o que mudou o nosso sistema de plantio tradicional, mas temos tentado usá-los com responsabilidade em respeito à natureza e ao nosso futuro.

### 3.8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentei aspectos importantes do conhecimento tradicional dos Manxineru, como nosso modelo de plantio, nosso modelo de trabalhar a terra e a natureza, em colaboração com os animais, parte importante desta, e seus primeiros conhecedores e guardiões. São essas relações entre animais e homens, sempre trabalhando em conjunto que fazem desses últimos dotados de humanidade, que alimentam as metamorfoses em que animais tornam-se

homens e homens animais. São relações profundas que só vendo a natureza como um todo, sua organização interna, constituída de todos os seres, que alguém é capaz de entender o significado das metamorfoses que a própria natureza permite.

## CAPÍTULO IV - DESENVOLVIMENTO MANXINERU JÁ NO CONTATO

### 4. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, início com as transformações sofridas pelos Manxineru com a borracha, o Seringal, os padrões e seus impactos na vida dos Manxineru. Mostro como sobrevivem os Manxineru na era pós-seringalista, sobretudo quanto à sua economia e à sua sustentabilidade.

#### 4.1 AO LONGO DO TEMPO

Segundo contam os Manxineru, a borracha transformou seu modo de vida, acirrando os conflitos inter e intergrupais e a dispersão de seus ancestrais *Yineru*. Houve um longo conflito com os bolivianos e peruanos, que tentavam retirá-los de suas terras e depois passaram a escravizá-los para o trabalho na extração da borracha, agricultura, fornecimento de caça e pescado, bem como trabalhos domésticos. Isso trouxe várias consequências para a vida organizacional tradicional, produtividade, técnica de plantar, liberdade da prática agrícola tradicionais do povo Manxineru. Começam, assim, novas práticas e novas técnicas agrícolas.

O povo Manxineru antes do contato sempre possuiu a prática de cultivar a sua agricultura tradicional, do fabricar de seu artesanato, como sua cerâmica, segundo já frisado anteriormente, preservando as frutíferas silvestres da Amazônia, sem ter causado nenhum tipo de impacto na floresta do seu território.

Ao longo do tempo, para o povo Manxineru, os conhecimentos construíram-se através da espiritualidade que sempre vivenciou, auxiliado pelos fenômenos da natureza, mesmo que o legado lhe tenha sido dados por *Tslatu*, o disseminador de todo os conhecimentos dos Manxineru. Esses conhecimentos tradicionais ancestrais sempre estiveram, portanto, presentes na vida desse povo, pois os pajés sempre receberam os ensinamentos transmitidos pela mãe da água, pelo espírito da samaúma, da floresta e do universo, assim como por outros espíritos de outras espécies de animais, árvores e demais elementos da natureza. Mas o descobrimento do milho massa não foi recebido pelo pajé, como relatamos, mas por um caçador Manxineru que o descobriu pelo peido da anta.

## 4.2 ATIVIDADES PRODUTIVAS

Em nossos roçados, nós cultivamos vários tipo de plantios domestico. Isso queremos produzir para a nossa subsistência, para a merenda escolar regionalizada e, se possível, comercializar nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil, se houver excedente de produção. Sempre organizamos nossa produção através de um plano comunitário de fazer o sistema agrícola, de modo que nosso sistema agrícola não deixa ser praticado em nossos roçados.

Hoje, tem capoeira suficiente para todas as famílias, como já mencionei. Assim, estamos conservando as nossas madeiras, palhas, frutas e as caças. É importante termos nas nossas aldeias o plantio de sistemas agroflorestais (SAFs), para produzir frutas para a nossa soberania alimentar e enriquecer nossa merenda regionalizada. Hoje, também precisamos trazer sementes e cultivar frutas como cupuaçu, maracujá e outras. Com o apoio das lideranças devemos nos organizar para fazer o enriquecimento de capoeiras com frutíferas com variedade de espécie. Nos nossos roçados e campos queremos realizar o plantio de frutas nativas e domesticas. Com as orientações dos AAFI's das comunidades Manxineru e implementar e enriquecer os SAF's que se encontram próximos das aldeias. Para que todas as aldeias têm os SAFs bem diversificados. Sempre no futuro teremos que produzir frutas e outros legumes nos nossos SAF's para termos uma merenda escolar regionalizada e rica com produtos naturais da própria comunidade.

### 4.2.1 Caçadas Manxineru

Além da produtividade agrícola e da coleta, a caça e a pesca entre os Manxineru também são desenvolvidas de diversas maneiras. Primeiro o Manxineru tem sua picadas próprias, ou seja, particulares, principalmente por iniciarem a picada, de forma que estas têm o uso mais ou menos restrito, ainda que o próprio dono convida para caçar e depois o convidado pede a autorização para usá-la.

Todos os caminhos têm seus próprios nomes, colocado pelo dono do pique e todas as trilhas requerem três ou quatro horas de caminhada. Essa regra de o caçador não permitir outros caçadores caçando em sua trilha é para fazer o manejo. Quando o caçador está panema, os animais fogem dele, antes de serem avistados, ou seja, o caçador erra todos os tiros. Então ele volta para casa sem nada de caça, uma carne tão valorizada pelos Manxineru fica então faltando para o alimento da família nesse dia.

Para os Manxineru a panema de uma pessoa tem jeito de se tirar. O processo de tirar panema é o seguinte: primeiro o caçador bebe o senango para vomitar todas as coisas ruins de seu estômago, que está prejudicando sua habilidade de caça. Depois de tomar sanago, ele vai para a mata pegar o taje de veado e tipe. Juntado os dois, ele passa no seu corpo, ou seja, ele toma banho com sua folha. Isso será praticado em todos os dias de sua caçada. Depois deste preparo, ele toma outra planta que conhecemos como *yojikolu*, que é para as caças ficarem bem mansas e não poderem correr, assim o caçador ficará purificado. A partir daí ele fica um bom caçador.

No mapa da caçada é onde identificamos as caças que existem em nossa TI. Esse mapeamento é importante para saber onde estão as caças e podermos fazer o manejo adequado. Por isso preservamos todos os animais comestíveis. Nós também pedimos para alguns espíritos dos animais ajudar a curar ou a fazer mal. Nós não matamos muita caça próximo das casas para não faltar para as futuras gerações. Nossos filhos e netos têm que tomar cuidado para preservar os animais comestíveis.

Os meninos aprendem a caçar com os pais. Quando ele chega aos quatorze ou doze anos, ele começa a procurar a caça sozinho. O quati não tem lugar certo e existe muito na mata. Existem vários tipos de macacos - macaco de cheiro, da noite, prego, zogue, entre outros. O macaco prego gosta de morar no tabocal. O macaco preto fica na restinga. Quando é abril ou maio, perseguimos muito os macocos pretos e outros tipos de macacos, porque a comida deles está em fartura - manitê, pama, inharé, cafezinho, embaúba, jenipapinho, guariúba, maparajuba.

O capelão tem moradia certa, mora mais nas moitas das árvores, nos cipoais. Onde a gente vê bosta de guariba, procuramos e achamos-los. Quando a gente escuta o canto do capelão, prestamos atenção. Se dá para ouvir o canto da fêmea, então é porque dá para alcançá-los; eles estão perto. Fazemos um manejo natural, pois, no verão, os macacos estão magros, e ninguém persegue muito. Quando chega o tempo das comidas deles, eles estão gordos, então a gente os procura mais.

A anta, a gente mata, mas rastejando, ou na espera. Procura-se uma comida dela, e esperamos: gameleiras, abiu, jenipapinho, azeitona, jaracatiá, imbiriba do inverno e outras. A anta, a gente mata mais no inverno, porque é mais fácil de rastejar. A anta tem experiência, ela dá voltas para enganar o caçador.

Se alguém quer comer jaboti no verão, tem que subir os igarapés, atrás de onde eles vão beber água. O veado gosta de andar na terra firme e na beira dos igarapés no inverno ou



verão. O porquinho não tem lugar certo, vive no baixo, terra firme, diferente da queixada. O jabuti, no período do verão, vem beber água, e na época das frutas fica andando. O jaboti come embaúba, sapota, cafezinho do baixo, comidas que têm em todo canto. O cujubim, mutum, jacu, nos meses de abril e maio vão comer na beira dos rios e debaixo das embaúbas. O nambu azul e nambu galinha também vivem na terra firme, tanto no inverno como no verão.

As áreas da Fazenda Petrópolis e da Reserva Extrativista têm muita caça, até porque os brancos não deixam a gente matar caça por lá. De uns anos para cá, ninguém mais matou queixada, só na aldeia Alves Rodrigues. Achamos que eles sumiram porque o dono deles chamou eles. Ele viu que eles estavam se acabando e chamou eles.

No verão, vamos mais atrás dos peixes. No inverno é que caçamos mais. Quando é inverno é que vamos caçar mais. Antigamente matávamos mais caça a ponto, só com o rifle. Mas bem antes, os nossos antepassados caçavam com arco e flecha, e naquela época tinha muita caça. Hoje em dia, nos acostumamos a caçar com cachorro e temos muita dificuldade em conseguir munição.

A capivara, também tem bastante, mas a gente come pouco e mata pouco. Tem ano que tem muita capivara, tem outro que não tem quase nenhuma. Onde tem onça, tem muita caça. Nos lugares abertos pelas moradias aparece muita onça.

O *Kajpomyolutu* protege as caças. Quem mata muita caça, quem estraga a carne, ele persegue. Ele não deixa os caçadores jogarem os couros dos bichos e os ossos na mata, de qualquer jeito.

#### **4.2.2 Pescaria Manxineru**

Antes do contato, o povo Manxineru pescava o peixe para o seu alimento somente através da flecha, na beira do lago, dos igarapés, do rio. Flechava-se os peixes que vinham comer barro bem na beirinha do rio ou que estavam boiando bem perto da beira do rio. Hoje os Manxineru têm o equipamento de pesca modernizado, como tarrafa, azul, bicheira, rede, espinhel e linha de azul. Porque, hoje, para os Manxineru, o peixe continua sendo uma grande fonte de alimentação das famílias. Para os Manxineru, o peixe é um alimento saudável criado pela natureza. Não devemos consumir peixe industrializado em nossas comunidades, porque o peixe criado na natureza tem saúde e não transmite doença para o povo Manxineru. Por isso temos que cuidar de todas as espécies de peixes, para não comer peixe doente, e não faltar o nosso alimento.

### 4.2.3 Necessidade de manejo dos peixes

As futuras gerações, as crianças e os jovens Manxineru devem aprender como cuidar dos peixes, como os seus ancestrais cuidavam deles. As pescarias fazem parte da cultura, e da alegria do povo. Nós respeitamos os peixes. Quando a criança está se formando, virando adulta, e quando as mulheres estão grávidas e estão para ganhar filho, não é todo peixe que podem comer. Quando a mulher está de resguardo, ela não pode comer macaco prego, nem macaco preto, nem anta, nem nambu azul, nem jaboti.

Os homens, quando estão com filhos recém-nascidos, não mergulham para fisgar peixe grande. Os espíritos dos peixes podem levar o espírito da criança para debaixo da água, e ela pode assim adoecer e morrer.

Cada tipo de peixe tem um chefe. Os poços estão se acabando por causa dos chefes dos peixes que estão indo embora. Antes, tinha poço desde a cabeceira do rio Iaco até lá embaixo.

Quando a gente pesca e o mandim fica gemendo, é porque ele está se comunicando com o chefe dele. Quando o jundiá geme, é o chefe do jundiá que está falando com ele, e é melhor o pescador parar, pois ele pode provocar alagamento ou pode acontecer alguma coisa.

Cada peixe mora em um tipo de água. Branquinha só mora no lago, mapará também. O tamboatá mora no igapó e também existem outros tipos que moram no olho d'água. Os antigos usavam tipos de arco e flecha para matar os peixes. Eles usavam o tingui, a oaca ou o assacú para matar os peixes que não podiam matar com flecha.. Antigamente ninguém pescava mergulhando. Hoje nós mergulhamos.

Os peixes são consumidos assados, moqueados, cozidos, torrados, feitos sopa que chamamos de *hijpa*; são as formas de consumo tradicional. Alguns peixes comem outros peixes (o jundiá, por exemplo). Tracajá come da terra, mata pasto, gameleira, os cipós que caem nas águas. O tambaqui come coco de murmuru e de gameleira que caem na água. O pirarucu vive mais nos lagos, com isso, queremos trabalhar para fazer o manejo dos lagos e repovoá-los com pirarucu, pirapitanga, tilpaia, matrinxa entre outros.

Antigamente existiam muitos outros peixes nos rios, como o dourado, pirarucu, filhote, casca grossa e jitubarana. Tinha também a tartaruga.

Alguns peixes também são usados como medicina tradicional, por exemplo, o fígado do jundiá é muito bom para tratar epilepsia. Antes tinha muitos peixes, era muita fartura, era como as caças. Não era preciso ir a lagos ou em igarapés, somente no rio era suficiente para

pescar o necessário para o consumo. Atualmente os peixes estão muito escassos, para pegar 1 kg de peixe, temos que ficar muito tempo pescando e só pegamos, na maioria das vezes peixes pequenos.

Também nessa época antiga não existiam tantos pescadores profissionais com muitos equipamentos de pesca e flechando os rios na época das piracemas. Outro problema são os pescadores do município de Sena Madureira, os quais flecham os rios com malhadeiras na época da piracema, não deixando os peixes passarem, e nós que estamos nas cabeceiras dos rios somos muito prejudicados, pois os peixes não chegam para desovar.

Para o Manxineru também é necessário que o IBAMA e o IMAC e outros órgãos ambientais façam a fiscalização nos municípios e nos rios, principalmente no período de piracema. Outro problema é a grande quantidade de pescadores profissionais existentes nos municípios que atuam sem fiscalização. Existe pescaria dos Manxineru e Jaminawa também em igarapés fora da terra indígena, nos igarapés Samarrã e Boca do Mamoadate, pois nossas famílias estão crescendo e quase não existem peixes no começo da terra indígena que pertence quatro comunidade Manxineru e quatro comunidade jaminawa. Existe a reivindicação para o governo apoio com equipamentos e capacitação para trabalharmos com piscicultura, o que contraria os princípios que regem nossa alimentação, mas não há como sobreviver sem a introdução de tecnologias alienígenas, em um território sem poder de expansão.

As aldeia da parte de cima ta terra indígena não tem esse nescisidade de alimentação sobre caça e pesca onde é possível trabalhar o repovoamento de lagos naturais.

O povo Manxineru já não utiliza tingui nas pescarias, pois percebemos que o uso do tingui acaba com todos os peixes. Também nunca comercializamos e nunca iremos comercializar o peixe.

#### 4.3 MANXINERU NA ATUALIDADE

Hoje nas comunidades Manxineru, cada aldeia tem as lideranças que são os professores, o agente de saúde, o agente agro-florestal, o agente indígena saneamento, a parteira e o pajé. Assim é na nossa organização, uma consequência do contato com o homem branco.

Hoje as comunidades têm escolas com ensino fundamental. Mas trabalhamos com os nossos parceiros para que esse ensino, abra caminho para que, desde cedo, as crianças conheçam os direitos dos Manxineru e valorizem as nossas leis próprias, que é a verdadeira lei,

porque as leis do homem branco nunca são cumpridas, mesmo que estejam escritas, mas a dos Manxineru, mesmo sendo somente veiculadas pela oralidade, são postas em prática.

Em 2011, tive a oportunidade de trabalhar em prol dos isolados Yine, com o agente de proteção de isolados do posto de controle da comunidade nativa de Diamante, do lado peruano, assim como com os Masco, que são falantes de uma outra língua Aruák, da mesma família da língua Manxineru/Yine.

O senhor Antônio Trigoso Idalgo me explicou que os Masco têm seus grupos. O grupo 1 é comandado por *kamotolo 1* e *kamotlo 2*, junto com a *knayi* e com o seu guarda costa, *kapshitsru* ‘coati grande’. Já as mulheres têm como chefes *yomako 1* e *yomako 2* que mandam em todas as mulheres, menos na *puthana*, que é a sabia do grupo das mulheres. O Grupo 2 é constituído pelo seus chefes *kina*, *kapshi*, *jemahonreu*, e no grupo das mulheres quem comanda são *kina*, *shikane* e *tshawo*. Assim também era a nossa organização comunitária, mas essa prática sofreu alterações com o contato.

#### 4.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Procurei mostrar neste capítulo adaptações feitas pelos Manxineru para manterem sua sobrevivência depois da época da Seringa e dos Seringalistas. Procurei contrastar o antes com o depois, mostrando os efeitos da época atual, mas também ressaltando a resistência do povo para preservar sua cultura.

## **CAPÍTULO V - SOBRE O PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL DA TI MAMOADATE**

### **5. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Neste capítulo trato do plano territorial da terra indígena Mamodate. O povo Manxineru sempre utilizou este território com muita sabedoria no lidar com os seus recursos naturais, sem prejudicar o meio ambiente, de acordo com seu próprio conhecimento ancestrais, fazendo o plano de uso tradicional, porque para o povo Manxineru a terra é mãe e pai. Esta consciência vem desde os nossos ancestrais.

#### **5.1 PENSANDO UM PLANO DE GESTÃO**

Ante do contato o povo Manxineru tinha sua própria técnica de utiliza o seu território com seus plano de uso tradicional sem prejudica qualquer tipo de recursos naturais e não avia preocupação de limitis para o uso territorial, mas hoje com território demarcado temos a preocupação de cuida a terra que nos pertence para que os recursos naturais não seja exterminado.

Em decorrência do contato, foi preciso que repensássemos o plano de uso tradicional Manxineru para o plano de gestão da terra indígena mamodate. E já no ano de 2006, começamos a pensar como fazer o plano de gestão Ambiental da Terra Indígena Mamodate, com a iniciativa dos Manxineru e Jaminawa para o Etnozoneamento da TI Mamodate, com o apoio do governo do estado Acre. Discutiu-se sobre recursos florestais e florísticos, sobre a caça, a pesca, os roçados, os sistemas agroflorestais, as criações de animais domésticos, as criações de animais silvestres, sobre a cultura, a educação diferenciada, intercultural e bilíngue, e sobre a saúde Manxineru, visando também a ampliação da Terra Indígena Mamodate.

Em 2015 foi feita a nova atualização do plano de gestão da Terra Indígena Mamodate, já com a fundamental colaboração da comissão Pró-Índio do Acre, com a participação dos próprios Manxineru e Jamináwa, que ajudaram a corrigir o plano inicial. Participaram 60 Manxineru e 15 Jamináwa, somando total de 75 pessoas.

Discutimos por que não temos um plano de gestão, pois sem este, não veríamos no horizonte o que estaria faltando e o que estaria aumentando. Precisávamos de uma nova ideia para utilizar o nosso território. Por que com o aumento populacional e com as enterferencia dos

nãa indígenas (que são os homens branco). Com isso, todos Manxineru ficaram comprometidos com a construção de um plano de gestão territorial da Terra Indígena Mamoadate. Ficou demonstrado para o povo Manxineru que o plano de gestão é um conhecimento da Terra Indígena Mamoadate que aponta todos os fatos que acontecem no território deste povo. Por isso, o trabalho seria também de grande importância para as escolas Manxineru que passariam a esclarecer nas suas atividades o conhecimento tão valioso de nossa realidade e de nossa tradição para os alunos. Seria planejar também como fortalecer os conhecimentos tradicionais tendo em vista as novas gerações. Então, o plano de gestão clarearia a visão de mundo Manxineru, trazendo muita reflexão, a partir da construção de plano de gestão da terra indígena, ilustrando diagnósticos específicos, e tudo explicado na própria língua nativa, com tradução para o português.

Assim foi feito o plano de gestão que demonstra para o povo Manxineru que devemos ter um objetivo, o de cuidar a fauna, flora, território e dos recursos hídricos. Hoje o povo Manxineru preocupa com a Terra Indígena Mamoadate por cada vez mais esta crescendo a população, e o consumo dos recursos naturais estão sendo cada vez mais utilizados, embora a terra indígena não cresça.

Durante as oficina de elaboração do plano de gestão detectamos que hoje, quatro comunidades Manxineru e quatro comunidades Jaminawa estão utilizando o território da fazenda Petrópolis, por esta razão foi confirmado que a terra indígena Mamoadate está ficando pequena por aumento populacional Manxineru e Jaminawa, e inclusive a terra indígena Mamoadate é compartilhados com os índios isolados. Por isso foi discutidos cada tema do plano de gestão da Terra Indígena Mamoadate, de forma a não termos afetadas as nossas comunidade e novas gerações.

De acordo com os relatos do mais velho Manxineru, no início das décadas de 70 e 80, existiam muitos recursos e pouco uso dos recursos naturais. Por que na época nos não tinha limite o nosso território era muito grande e era suficiente para nos matemos. Hoje também temos muita abundância de diversos recursos florestais como palmeiras, palheiras, madeiras de lei, paxiubão, frutas nativas, plantas medicinais, sementes nativas a ate mel de abelha nativa, etc. Entretanto, atualmente nas aldeias maiores e mais antigas já sentimos a falta de palhas nas cercanias destas aleias. Esses bens só são encontrados mais distantes, de forma que é necessário o cultivo dessas plantas perto da comunidade e fazer a explicação dessas necessidades para as novas gerações.

No plano de gestão foi compreendido que nas aldeias maiores e mais antigas, esses recursos estão distantes da sede da aldeia devido o grande uso desses recursos ao longo do tempo. São frutas nativas como patoá, jarina, buriti e açai. No plano foi colocado para fazer a coleta de sementes dessas e de outras espécies que estão ficando distantes da aldeia para o enriquecimento dos SAFs e das capoeiras, através do reflorestamento. Também no plano de gestão foi sugerido fazer o plantio de ervas medicinais que são encontradas distantes da aldeia e para trazer num local mais perto das aldeias. No plano de gestão foi sugerido fazer o plantio de algumas espécies que não existem na terra indígena, como a castanha e a seringa. As solicitações foram colocadas no plano de gestão, para tanto, o apoio para a formação dos AAFIs da terra indígena Mamoadate para ajudar a manejar a floresta e enriquecer nossas capoeiras, SAFs, e roçados com espécies florestais que se tornaram escassez e que são importantes para o nosso uso.

Sempre julgamos importante explicar para os nossos filhos a importância de plantar árvores sempre que derrubamos alguma. Também devemos valorizar o conhecimento dos nossos velhos sobre o uso das plantas medicinais existentes na nossa floresta. A formação do nosso AAFI é fundamental para cuidarmos dos nossos recursos florestais. Por isso o plano de gestão é muito importante para o povo Manxineru da Terra Indígena Mamoadate.

Outra atividade fundamental tem sido a atualização e revisão do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Mamoadate, que teve a participação dos professores, agente de saúde, agente agroflorestal, AISAN, liderança, parteira e outros atores Manxineru das comunidades. O plano de gestão e foram ferramentas de trabalho importantes para os Manxineru e Jaminawa continuarem a lutar pelos seus direitos e buscarem novos projetos pautados em outros modelos de fora, mas que refletissem o nosso modo tradicional de sustentabilidade.

O plano de gestão da terra indígena além da escrita foi feito os mapas dos recursos naturais da terra indígena, aonde estes mapas foram localizados os recursos abundantes e que esta escasse e divisão de terras que os Manxineru considerava, como terra alta é avô terra baixa é avó assim por diante. Os mapas também além dos desenhos foram escritos na língua materna e traduzido para a língua portuguesa e resultou em um livro “etnomapeamento da terra indígena mamoadate”

Foram feitas atualizações de oito mapas da Terra Indígena Mamoadate: mapa das águas, mapa de pesca, mapa da caça, mapa de extrativismo, mapa das ameaças, mapa de ocupação, mapa da vegetação, e mapa histórico. Os Manxineru colocaram nos mapas os nomes

dos igarapés, dos lagos, da vegetação, do rio e das moradias, entre outros, na própria língua. Os mapas trazem também informações sobre a sua importância em língua com tradução para o Português.

O trabalho de registro dos mapas e do texto do Plano de Gestão enfatiza a importância da autoria Manxineru e Jaminawa resultando em materiais didáticos para as escolas e para fundamentar o trabalho dos professores. O Plano de Gestão e os mapas são também importantes para os diálogos entre os moradores da terra indígena e os representantes do governo e de instituições não-governamentais.

Os participantes da oficina de elaboração do plano também colocaram a importância do plano de gestão, como foi o caso do Prof. Roy Roger Gomes Manchineri, que vem enfatizando a importância do plano de gestão mais como um instrumento de trabalho que dará suporte às atividades desenvolvidas com os agentes agroflorestais Manxineru e Jaminawa. O plano de gestão evitaria a construção de uma ramal que seria construído na Fazenda Petrópolis, pelo madeireiro Joginei Ribeiro, cuja construção traria graves consequências para a Terra Indígena Mamoadate. Assim pedimos a suspensão do licenciamento da construção desse ramal, até que pudesse ser realizado estudo apropriado dos impactos ambientais que sua construção acarretaria.

Outra questão importante no nosso plano de gestão é a presença de índios em isolamento voluntário que perambulam e vivem na parte superior da Terra Indígena Mamoadate. Trata-se de questão preocupante pois significa aumento da população da TI, que está ficando cada vez menor. Nesse sentido, discutimos também sobre uma “área de refúgio” acima da boca do igarapé Abismo.

Durante a oficina o Lázaro Artur Brasil Manchineri (da aldeia Extrema) falou dos problemas que o ramal madeireiro pode trazer para a terra indígena. Mencionou outras situações no Brasil, em que povos indígenas foram e são prejudicados pelos projetos de desenvolvimento ou de extrativismo predatório em suas terras e em seu entorno. Lázaro tem falado reiteradamente que o único ramal que seria aceito seria o do Icuriã, que passa no meio da Reserva Extrativista Chico Mendes, mas tem reiterado também que as lideranças de hoje e do futuro fiquem atentas, pois as ameaças ao território Manxineru e Jaminawa tendem a crescer. Mencionou o caso do assassinato de Chico Mendes, como exemplo do conflito socioambiental que decorre desses projetos de exploração da floresta. Por isso que o plano de gestão é muito bom para a nossa luta pelo nosso direito e território. O plano é para conhecer de fato a terra indígena Mamoadate nos que moramos teremos isso de cabeça.



## 5.2 QUAL É A IMPORTÂNCIA DOS MAPAS TEMÁTICOS E DO PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE?

Para os Manxineru, os mapas servem para o trabalho na escola, onde os alunos poderão aprender sobre a geografia da terra indígena, e para defender o conhecimento Manxineru, como ocorre com outros povos. É com ele que cada povo faz respeitar os limites de seu território. Os mapas servirão, assim, para defender a terra e o conhecimento dos Manxineru, facilitando o trabalho dos professores, de forma que as crianças possam conhecer, desde pequenas, o meio ambiente, identificando os nomes que os antigos davam a cada igarapé e a cada lugar. A juventude Manxineru poderá conhecer, através dos mapas, os nomes tradicionais de cada lugar, e por que cada lugar tem esse nome, e o que os nomes significam. O mapa é importante é, pois, importante, porque pode ser usado como um instrumento na defesa do território, hoje e no futuro. O mapa não vai ser útil apenas para os professores, mas para os caciques e para todos os outros que venham a lutar pela terra indígena. Os mapas também são úteis para cuidar dos recursos na terra indígena. Vejamos o caso da copaíba, que é um recurso relativamente abundante na região. O mapa pode mostrar o que há de mais importante na terra indígena, como as regiões ricas em copaíba e em outros recursos florestais. Além disso, os mapas mostram a importância dos igarapés, dos lagos, das árvores, assim como da necessidade de atualização constante.

A discussão dos mapas é importante para que os moradores da terra indígena combinem como vão trabalhar a terra, se vão fazer agrofloresta, se vão plantar capim e criar gado, ou como o agente agroflorestal Manxineru vai trabalhar, ou seja, que espécies ele vai plantar, dentre outros. A ideia é que se mostre no mapa os usos atuais e as potencialidades de uso da terra indígena, bem como do território da Fazenda Petrópolis, que é usado pelos Jaminawa e pelos Manxineru das aldeias desde o início da terra indígena.

A prática tem mostrado que os mapas são importantes para ajudar os indígenas a conhecerem a sua terra, como exemplo cito a situação vivida por um Manxineru que certa vez quis ir caçar na fazenda Petrópolis e um branco quis impedi-lo, então mostrou a esse branco mapas feitos no etnozoneamento, e por meio destes provou que podia caçar naquele local.

## 5.3 POR QUE QUEREMOS A NOSSA TERRA?

Queremos a nossa terra porque é dela que os Manxineru sobrevivem e todas as comunidades conhecem bem a Terra Indígena. A terra provê de tudo que os Manxineru necessitam. Considerando essa necessidade premente, é fundamental para os Manxineru conhecê-la, e nesse sentido, os mapas são guias preciosos, além de fazerem os não-índios respeitarem a Terra Indígena.

A terra é de importância vital para os Manxineru e estes devem lutar para preservar um projeto de vida autônomo. Esses temas estiveram sempre presentes nas discussões dos Manxineru sobre seu Plano de Gestão.

Uma dos temas relevantes das reuniões, durante as etapas de elaboração do nosso Plano de Gestão, foram os acordos de uso dos recursos naturais entre as aldeias, como por exemplo do consumo de tracajás. Discutiu-se que se deveria respeitar um limite de extração desse tipo de recurso, pois caso contrário as pessoas no futuro já não disporiam dele. Verificou-se o respeito aos acordos feitos anteriormente, se eles vinham ou não sendo cumpridos, e sobre o modo como as pessoas respeitam ou desrespeitam estes acordos, pois havia casos como os da Reserva Extrativista Chico Mendes e da Fazenda Petrópolis, que raramente eram cumpridos.

Daí a importância do estabelecimento de áreas de refúgio, para aliviar um pouco a pressão exercida sobre os estoques de caça e pesca, assim como da importância de se respeitar os animais considerados donos dos poços, segundo a cultura Manxineru, pois com a matança desses animais, o poço seca e deixa de ter peixe. Daí também a importância das práticas de manejo, e o papel fundamental dos agentes agroflorestais indígenas nesse trabalho, principalmente no plantio de frutíferas e de madeiras de lei.

Quanto ao tema ‘criação de gado’, que é considerado pelos Manxineru na atualidade uma alternativa imprescindível, tanto do ponto de vista econômico quanto de segurança alimentar, considerou-se que a criação de 15 a 20 cabeças de gado por família pode ajudar a reduzir a pressão sobre os recursos naturais na terra indígena. Mas essa questão será ainda rediscutida durante a revisão do Plano de Gestão.

Quanto à limitação da terra indígena, que não cresce, enquanto a população indígena não para de aumentar, temos discutido sobre a importância de se valorizar e reconhecer as formas naturais de manejo e de proteção ambiental que os Manxineru sempre praticaram, considerando as iniciativas que não deram certo, em especial a implementação de açudes e o projeto de manejo de tracajá. Por outro lado, consideramos que a criação de gado, porco, carneiros e ovelhas, e de aves domésticas pode ser uma alternativa que deve ser levada a sério, uma vez que o consumo de carne é um aspecto importante da dieta dos Manxineru.

Entretanto, o principal problema do gado é que ele impossibilita a agricultura de praia e o plantio de frutíferas nos quintais das casas, e que muitos pequenos conflitos surgem quando o gado invade os roçados e dá prejuízo a algumas famílias.

Sobre o manejo do fogo e sobre os roçados discutimos a importância de se trabalhar o enriquecimento de roçados e capoeiras como forma de evitar a derrubada constante de novos espaços de mata bruta para a colocação dos roçados. O aumento populacional na terra indígena tem de ser acompanhado por um fortalecimento da produção alimentar nas aldeias, e isso tem que ser feito pelos Manxineru, independentemente de apoio do governo ou de projetos.

Ficou claro para o povo Manxineru que o plano tem um objetivo, que é cuidar da nossa fauna, flora, território e dos recursos hídricos.

Sabemos que a Terra Indígena não cresce. Hoje, quatro comunidades Manxineru e quatro Comunidades Jaminawa estão utilizando o território que fica fora da TI, como já mencionamos anteriormente. Por isso discutimos cada tema do plano de gestão da Terra Indígena Mamoadate para não termos o prejuízo para as novas gerações.

Sempre devemos explicar para os nossos filhos a importância de plantar árvores sempre que derrubamos alguma. Também devemos valorizar o conhecimento dos nossos velhos sobre o uso das plantas medicinais existentes na nossa floresta, algumas plantas medicinais que estão ficando distantes das aldeias vão trazer sementes e mudas para próximo de nossas aldeias. A formação do nosso AAFI é fundamental para cuidarmos dos nossos recursos florestais. Por isso o plano de gestão é muito importante para o povo Manxineru da Terra Indígena Mamoadate.

#### 5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O plano de gestão dos Manxineru foi aqui considerado, por ter sido um plano que contou com a participação máxima dos interessados indígenas, como deve ser todo plano de gestão. Sem a participação da comunidade em todos os níveis do processo de elaboração e prática, nenhum plano terá sucesso em trazer benefícios para a comunidade. Focalizei a metodologia do plano e a sua referência maior, a cultura Manxineru. Evidentemente, trata-se de um plano em processo de realização, conseqüentemente está sujeito a adaptações requeridas pelas necessidades do povo Manxineru e pela natureza que está sempre a responder às ações praticadas sobre ela.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal mostrar a importância da relação entre os Manxineru e a natureza, guiada pelos ensinamentos que lhes foram transmitidos de geração em geração até o presente.

Embora tendo vivenciado a escravidão comandada por diferentes padrões, em épocas recentes, quando tudo marchava contra a sua dignidade, o povo Manxineru conseguiu guardar os ensinamentos tradicionais fundamentais que os mantêm vivos como Manxineru, com sua língua, cultura e sustentabilidade, mesmo estas tendo sofrido modificações devido a interferência das ininterruptas situações de contato a que foram forçados a vivenciar com os não índios.

Mas continuou a liberdade de cultivar em outras localidades, por exemplo, uma prática milenar fundamental para não esgotar os recursos naturais dos quais necessitam para viver.

Atualmente, temos nossa terra demarcada, o que é uma segurança, mas não podemos viver nela apenas por meio do nosso conhecimento tradicional, pois estamos cercados por limites que antes do “branco” não existiam. Assim tivemos que repensar nossa organização de trabalhar a terra e de manter a fartura de animais necessária à nossa sobrevivência de povo em expansão.

Apresentei, assim, nesta dissertação, aspectos de nossa tradição milenar, que vem dos tempos mais antigos. Falei de nossos primeiros mestres do conhecimento, a quem procuramos seguir até hoje, mesmo condicionados pela realidade do contato.

Falei sobre aspectos importantes de nossa organização social, do nosso respeito à nossa cultura, que nos mantém Manxineru, um coletivo diferenciado, em que a língua nativa fortalecida revela como vemos e vivemos no mundo.

Falei sobre a segurança alimentar do meu povo, a partir das correlações entre homens e milho massa nos tempos imemoriais e os reflexos dessas relações na organização e estrutura social desse povo.

Abordei nosso calendário e ressaltai a importância do nosso guia – o conjunto de fenômenos da natureza, que está no céu, nas águas e no movimento dos animais.

Mencionei a necessidade premente de proteger, preservar e incentivar o uso consciente das sementes tradicionais do povo Manxineru, e também de preservar o milho massa que têm papel preponderante em nossa cultura.

Mostrei que, segundo nossa própria história, contribuimos para o desenvolvimento dessa espécie de milho e que as sementes dos Manxineru continuam a existir e a enriquecer o seu habitat.

Apresentei, aqui, um breve panorama da cultura Manxineru, com vistas a esclarecer como esse povo mantém a sua sustentabilidade tradicional, apesar das influências externas que são esmagadoras.

A natureza descontrói e constrói, automaticamente, e este movimento vem há milênios. Hoje, o ser humano vem destruindo a natureza sem perceber que ela dá a vida a todos os seres vivos. As florestas estão sendo desmatadas, mas poucas pessoas sabem que ela é quem manda na água bebida pelos outros seres vivos.

Para nós, Manxineru, a floresta tem suas próprias leis construídas pelos poderes das árvores, da terra, das águas e dos animais. O poder dos animais está distribuído assim: a onça está mais alta na hierarquia do poder, depois vem a jaguatirica, depois a anta, seguida do macaco prego, depois vem o macaco cairara, e o pai da mata é a justiça. Então todos esses seres estão sendo afetados pelos seres humanos com o desmatamento, a poluição de água, a poluição de terra, e eles já estão doentes de tanto massacre, por isso que esses seres precisam limpar os seus corpos para manterem as demandas dos seres humanos, que não conseguem enxergar os seus deveres para com a natureza mãe. A melhora dos animais pode melhorar os alimentos que são produzidos por nós seres humanos. Por esta razão a natureza está entrando com as ações contra os desmatadores e poluidores de água.

O primeiro exemplo disso são os deslizamentos de terras, com o alagamento de rios, as grande tempestades, sendo que muitas pessoas colocam a culpa no governo, mas a culpa maior é dos fazendeiros e dos que comandam o agronegócio, que não respeitam as leis da natureza.

Por a natureza não ser purificada, os seus movimentos já estão afetando os seres humanos. Os rios já estão secando e as plantações não estão crescendo de acordo com natureza.

Por isso, nós Manxineru entramos em ação para ajudar a floresta. Fazemos roçado com muito cuidado para não destruir a vida da floresta, reconhecendo os locais de roçado para que não afetemos nossas medicinas tracionais, árvores sagradas e animais que compõem a natureza.

Sabemos que, agindo assim, a floresta vai nos proteger de várias coisas que estão afetando a humanidade. Se nós Manxineru não cuidarmos dela, ela vai sofrer ameaças e a vida dos Manxineru sem ela não terá continuidade, nem física e nem culturalmente.

Para nós, os Manxineru, outros mundos estão entremeados dentro deste conhecimento, sem que as barreiras possam ser distinguidas pelo conhecimento acadêmico, científico.

No início do mundo, a onça ensinou ao povo Manxineru a utilizar o *kamalampi*, que é o cipó. Um Manxineru caçando encontrou uma pessoa, que era uma onça que se transformou em gente. A onça o convidou para ir junto com ela e o Manxineru aceitou o convite. A onça então o levou para muito longe da aldeia e começou a ensinar para ele a medicina para curar as doenças, mostrando-lhe o *kamalampi*, que o cipó, e explicou como se preparava para poder ver nas meditações.

E assim ele fez. Assim foi que o povo Manxineru conheceu o *kamalampi*. A partir daí começa o trabalho dos Manxineru com os seres vivos da floresta que são os animais. Estes auxiliam o pajé em suas tarefas de pajelança para curar as pessoas doentes em sua aldeia.

Para os Manxineru este conhecimento migra para outro mundo que não é esse que conhecemos, mas outro, em que nos alimentamos de outras comidas, convivemos com outras pessoas e com animais que se transformam em gente.

Assim, na visão da queixada, o caroço de baxiúba é amendoim e quando o Manxineru está no mundo da queixada ele vê também o caroço de baxiuba como amendoim e o come com muita facilidade.

Quando retorna para esse nosso mundo, ele não consegue comer porque o caroço é muito duro para ser comido. Com muito tempo, a pessoa acaba se transformando e adota a vida desse animal, ou seja, nesse outro mundo ele adota a cultura do local. Assim é que o povo Manxineru vê outro mundo, é através do movimento da natureza.

Assim, trabalhamos para sobreviver, nos adaptando, seguindo os movimentos da natureza e seguindo os movimentos que a história atual nos impinge. Mas, ao nos adaptarmos a cada nova realidade, relutamos para não sermos abduzidos por ela, para que a adaptação não seja de resignação, mas enriquecida com o nosso conhecimento milenar, fortalecendo esse conhecimento, mantendo nossa língua viva, que é a grande força na manutenção e transmissão da nossa tradição.

Somos da terra, da água, das florestas; temos animais como parceiros em relações humanizadas e animalizadas, pois juntos dependemos da mãe água que rega os nossos alimentos, daí as fronteiras entre humano-não humano, no modo de ver de não indígenas são diferentes de nossa cultura. Animais e homens trabalham pelo mesmo fim, sua sobrevivência, são uma unidade e os últimos dependem do conhecimento dos primeiros, seus grandes mestres.

Assim é na cultura Manxineru.

O conhecimento da história e cultura do povo Manxineru, deve ser enriquecido e deve também ser alimento nas escolas desse povo. Esta dissertação é também uma contribuição para que a nossa história, a história do meu povo estimule novas pesquisas pelos Manxineru para o fortalecimento as novas gerações.



## 7. REFERÊNCIAS

- CABRAL, A. S. A. C.; MANXINERY, L. A.; COUTO, F. P. ; MANCHINERI, M. S. Bases culturais para atribuição de gênero em Manxineru. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 7, p. 321-341, 2015.
- COUTO, Fabio Pereira. *Contribuições para a Fonética e fonológica da língua Manxineru (Aruák)*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Considerações Preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák)*. In\_: Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014, p. 135-148.
- \_\_\_\_\_. *Conexões entre processos morfofonológicos e acento em Manxineru: a variedade Yine (família Aruák) falada no Brasil*. [Tese de Doutorado]. Brasília, Universidade de Brasília, 2016.
- CORREIA, Cloude de Souza & COSTA, Eliza Mara Lozano & VIVAN, Jorge Luiz. 2005. Etnozoneamento da Terra Indígena Mamoodate: relatório final. Rio Branco: SEMA/IMAC. Mimeo .
- CUNHA, M. C. Relações e dissensões entre conhecimentos tradicionais e conhecimento científico. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, p. 76-84, setembro-novembro 2007.
- GALLOIS, D. T.. Cultura “indígena” e sustentabilidade: alguns desafios. *Tellus*, ano 5, n. 8/9, p. 29-36, abr./out. 2005.
- GONÇALVES, M. A. *Acre: história e etnologia*. Rio de Janeiro: Núcleo de Etnologia Indígena, UFRJ, 1991.
- JACINTO, Andréa Borghi M.; MACIEL, Ney; GIZ. (Orgs.). Etnozoneamento e plano de gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Mamoodate: para cuidar da nossa terra Jamináwa Manchinere. – Rio Branco, Brasília: Funai/SEMA-AC/GIZ, 2014.
- MATTESON, Esther. *Piro myths*. 4. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers. 1951.
- \_\_\_\_\_. *Piro phonemes and morphology*. 11. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Analyzed Piro text: a boy and a jaguar*. 12. Kroeber Anthropological Society Papers, 1955.
- \_\_\_\_\_. *The Piro (Arawakan) language*. California, USA: University of California, 1965. 358
- NASCIMENTO, E. P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. *Estudos avançados* 26 (74), 2012:52.
- Plano de Gestão Territorial e Ambiental e o Etnomapeamento da TI Mamoodate, CPI-ACRE, 2016.
- SANTOS, I. M. *Terras Indígenas: Mamoodate, cabeceira do rio Acre e Caeté*. Revisão do componente indígena do EIA-RIMA BR-317. (Brasília – Assis Brasil). Rio Branco, 2001.